

# **Pensamento Radical na Arquitectura 2021**



**Qual o sentido de um Pensamento Radical na Arquitectura?**

*Pedro Baía*

**A ‘des’construção da narrativa arquitectónica**

*Ana Cordeiro*

**A Desconstrução Arquitectónica. Da radicalização do pensamento à contrariedade do mestre**

*Anny Sismanoglu*

**Arquitectura *online* vs Arquitectura *offline***

*Beatriz Silva Marques*

**Lado A e B na Arquitectura Portuguesa**

*Cristina Souto*

**A Sociedade e o Arquitecto**

*João Leite*

**O conflito sem toque. Inquietação do vazio na Arquitectura crítica bicéfala**

*Luiza Aredes*

**Um (bodhi) tiro no escuro**

*Mafalda Pereira*

**Presente. Passado. Futuro. Uma nova forma de pensar arquitectura**

*Margarida Lopes*

**Arquitectura para inquietos: o olhar da nova geração sobre a prática arquitectónica**

*Maria Eduarda Beck*

**A sociedade Fantoche**

*Mariana Solé*

**Quem quer ser radical**

*Mariana Almeida*

**A pluralidade da arquitectura**

*Rita Alves*

**Antes Mil Palavras do que um Jpg.**

*Vasco Mendes*

**O que está por baixo**

*Ludovica Bulgari*

**Society of Image and Architecture**

*Mathilde Lefebvre*

**A Teoria por Detrás da Prática (a falta de coragem para acrescentar um ponto ao conto)**

*Carolina Matos*

**An outsider’s perspective on Portuguese Architectural philosophy**

*Lama Abboud*

## **Qual o sentido de um Pensamento Radical na Arquitectura?**

*Pedro Baía*

Os textos nestas páginas reunidos, e orgulhosamente publicados em formato fanzine, são o resultado do Exercício 2 da unidade curricular *Pensamento Radical na Arquitectura*. Encarados enquanto entrega final, os textos destes 17 alunos do quarto ano procuram apresentar uma síntese das problemáticas analisadas ao longo do segundo semestre do ano lectivo 2020/2021 — um semestre atípico em que procurámos à partida contrariar as condicionantes do confinamento forçado em casa com o potenciar das aulas em Zoom, onde conversámos e nos vimos no ecrã sem máscara e onde recebemos os nossos convidados semana após semana.

Num programa dedicado ao estudo do impacto das convulsões sociais e artísticas no pensamento arquitectónico, centrando-nos em períodos especiais dos séculos 20 e 21, os conteúdos da unidade curricular oscilam entre enquadramentos capazes de introduzir os alunos às problemáticas enfrentadas pelos arquitectos nos dias de hoje e a análise de casos particulares que permitem uma melhor compreensão da amplitude de possibilidades associadas a uma acção crítica no exercício da profissão.

Este ano, o programa da unidade curricular pretendeu explorar um pensamento radical na arquitectura traduzido em práticas contemporâneas desenvolvidas nos mais variados campos de actuação arquitectónica, como a crítica, a curadoria, a edição, a investigação, a programação ou o projecto, a partir do

estudo dos posicionamentos críticos de um conjunto de arquitectos, desde os escritórios dos Depa Arquitectos e do Fala Atelier, passando pelos percursos de Mariana Pestana, André Tavares, Luís Santiago Baptista e Joaquim Moreno, até às experiências internacionais de Guilherme Wisnik, Beatrice Galilee, Andrés Jaque e Moisés Puente.

Uma vez por semana, à quinta-feira de manhã, em aulas de três horas, dedicámos as duas primeiras horas a um enquadramento do exercício crítico dos arquitectos em causa e a uma análise dos seus campos de actuação. Na terceira hora, tivemos o privilégio de entrar em contacto com os arquitectos via Zoom, colocando-lhes perguntas, fazendo comentários, recordando projectos, lançando provocações, numa hora especialmente estimulante para todos.

Estes 17 textos resultam de um exercício que pressupõe a entrega de um texto crítico original (com 8.000 caracteres com espaços e duas imagens) que explore um argumento de síntese final sobre as problemáticas levantadas pelas práticas dos arquitectos estudados nas aulas. Na avaliação dos textos e da sua apresentação em aula, são valorizados cinco parâmetros: a identificação e contextualização dos projectos dos casos particulares apresentados, a interpretação do seu posicionamento crítico, a capacidade de relacionamento com outros casos e abordagens, o desenvolvimento de um raciocínio crítico e problematizador e a fluência, rigor e consistência na construção e exposição do argumento.

Na elaboração destes textos, conforme foi transmitido aos alunos, deve existir à partida uma ideia forte que fica

desde logo sintetizada no título do texto. Deve haver um argumento, uma problemática, que é construída com base em relações, dúvidas e perspectivas em torno dos casos analisados nas aulas. Os casos apresentados devem ser contextualizados de forma a suportar o desenrolar do discurso. Deve-se perceber no texto o ensaio de uma interpretação da especificidade e complexidade do posicionamento crítico das práticas em causa. Na apresentação do argumento, o aluno tem de ser capaz de estabelecer relações entre os vários conteúdos desenvolvidos nas aulas, perceber as afinidades e as divergências entre as várias abordagens.

Não se trata apenas de fazer uma mera descrição dos projectos. Tem de se sentir que existe uma ideia forte que se pretende comunicar, uma ideia construída no desenvolvimento de um raciocínio crítico e problematizador, que exponha as contradições, as dúvidas, as hesitações, os paradoxos, as vantagens e desvantagens. Tem de ser um texto que nos faça pensar e que demonstre que as aulas foram úteis para a construção desse discurso.

O resultado final deste Exercício 2, na forma destes textos em jeito de ensaio, fica aqui publicado, num registo possível de uma inscrição que se desejou fazer, para memória presente e futura, de uma experiência colectiva que partilhámos, e com a qual todos aprendemos. Temos consciência que são textos escritos por alunos, com toda a força e com toda a fragilidade que isso implica.

São textos profundamente marcados por uma inquietude ansiosa, por dúvidas e certezas, excessos e ingenuidades — estados de alma próprios de quem

está agora a começar, de quem tudo quer agarrar. São textos que partilham o mesmo espírito radical, descomprometido, irrequieto e exigente dos estudantes que escreveram na revista *Unidade e Dédalo* do Porto, na *Caramelo* de São Paulo ou na *NU* de Coimbra — textos que transmitem a “força e a perspectiva inocente de um estudante de arquitectura e a importância do que lhe vai acontecer.”

## A ‘des’construção da narrativa arquitectónica

Ana Cordeiro

Como resposta ao segundo enunciado de trabalho, da unidade curricular ‘Obrigatória 2C’, foi elaborado um texto crítico que procura expor e reflectir sobre o papel da *desconstrução* na Arquitectura. Fundamentado em arquitectos estudados nas aulas e tendo como base as problemáticas suscitadas pelas práticas dos mesmos, explora-se a arquitectura enquanto comunicação de uma imagem, que pode ser desconstruída por cada um de nós.

Como uma peça única de um puzzle, a arquitectura tornou-se fundamental naquela que é a experiência do homem no Mundo. Apresenta inúmeros e complexos factores que a tornaram personagem principal e que não deverão ser interpretados apenas olhando, escutando, cheirando, tocando... Analisá-la torna-a então subjectiva, fazendo com que dependa de cada um de nós. A desconstrução nasce neste mesmo sentido. Desafia-nos a olhar as coisas com ‘olhos de ver’ e tentar desmantelá-las. Permite-nos questionar e colocar em causa tudo aquilo que nos apresentam como certo.

O processo de desconstrução tem como base uma linha de pensamento que nos conduz ao questionamento e por conseguinte a redescobrir novas respostas. Começar por problemáticas actuais e bastante relevantes nos dias de hoje, como a crise climática, poderá ser um dos princípios, como em *The World Around*, de Beatrice Galilee. Esta organização dedica-se a expor e debater temas importantes, em conjunto com ou-

tros arquitectos, tornando visíveis as forças invisíveis que moldam as nossas vidas. Fragmentar por peças aquilo que nos dão como garantido é ter nas mãos um novo e possível puzzle que apenas cabe a nós reestruturar.

No ramo da arquitectura, este processo pode derivar de várias práticas. Se começarmos por nos questionar sobre o nosso papel enquanto arquitectos, ou até mesmo pôr em causa a nossa formação como mesmos, basta desconstruir o ensino tal como fez o arquitecto Joaquim Moreno. Este acredita que a forma de aprender arquitectura está equivocada, pois, aos olhos de Joaquim, estão a ser formadas réplicas e não arquitectos de verdade. O processo é simples: parte de ‘aprender como se aprende e de aprender como se ouve!’ Uma nova maneira de ensinar através do estudo do objecto, tentar compreendê-lo e reter tudo o que é aprendido, como é representado na exibição no Centro Canadiano de Arquitectura em 2017, elaborada pelo arquitecto em questão.

A oposição de todos os conceitos conduz-nos ao questionamento e por conseguinte a redescobrir novos valores, expandindo-a, criando outros limites. Esta nova forma de olhar as coisas não propõe uma abolição total dos conceitos mas sim, apenas, procura construí-los desconstruindo. Neste mesmo sentido, torna-se importante referir, nesta dualidade de interpretações e limites, que os Fala transbordam nas suas colagens.

Podemos corromper começando pelo uso de novos materiais, por criar dobras ou ângulos, virar as coisas ao contrário... basicamente criar regras próprias, fugir do conformismo e por aquilo que é ditado como normal. É fundamental criar



Imagem 1- 086\_ FALA Atelier

outra linguagem, a própria. Embora a estética foto-realista tenha sido estabelecida como um paradigma, no âmbito de representação dos projectos de arquitectura, hoje em dia já conseguimos encontrar alguns ateliers que desconstróem esta ideia e que criam uma outra estética do modo como se representa. Nomeadamente o atelier Fala, que se baseia na técnica de colagem, recortando fragmentos, tirando-os do contexto e adaptá-los de modo a construir um novo. De uma maneira geral, verificamos que existe um certo descompromisso com a precisão da representação do aspecto visual da arquitectura: a aparência da textura dos materiais é frequentemente apresentada fora da escala e do contexto em que se encontra.

Assim, a desconstrução liberta o pensamento e o processo criativo. Anulando os preconceitos, propõe uma crítica às ideias pré-estabelecidas aos conceitos de forma, função, abrigo, entre outros. Tal como Luís Santiago Baptista, Andrés Jaque concentra o seu trabalho na desconstrução e na alusão à imagem

publicitária. Desafia-nos a pegar naquilo que é a nova 'Bauhaus', o IKEA, e desconstruí-la, atribuindo-lhe um novo uso. Desafia-nos a deixar que a intuição ou a imaginação façam o trabalho, sem nos limitarmos a seguir regras.

Criar um pensamento, apenas vincado pela interpretação de algo, passa por inverter ideias que nos são impostas e que num primeiro olhar talvez pareçam lógicas. Aprender a desenhar o espaço arquitectónico a partir do vazio que resulta do mobiliário, usando o objecto como demarcador do espaço, invertendo a normalidade, permite-nos construir a arquitectura através de um novo olhar, tal como Mariana Pestana. Como exemplo, apresento o projecto *Nomadic Tables*, onde Mariana desconstrói aquela ideia de mesa, associada a um tampo com pernas, e cria uma que só passa a ser mesa quando usada em colaboração com mais pessoas. As pernas da mesa passam a ser as pernas de quem a segura e de quem a move para todo o lado. As intenções evidenciam-se através da sua elasticidade construtiva e pela 'sede' de novas linguagens arquitectónicas. Pensar o espaço, onde a polivalência programática consegue criar vários cenários no mesmo limite espacial, é a definição deste desconstrutivismo.

Em certa parte e de alguma forma, todos estes arquitectos centram o seu trabalho em desconstruir as ideias que lhes foram passadas, analisando-as e interpretando-as, tirando proveito das suas interpretações, fazendo-as prevalecer no final. O trabalho em questão teve como principal objectivo compreender o desconstrutivismo enquanto conceito e estratégia, para que se tornasse na chave



Imagem 2- Nomadic Table \_PESTANA 2016

de um pensamento radical na arquitectura.

O desconstrutivismo incita-nos a explorar diferentes soluções e possibilidades, livremente e sem limites. Assim, estes arquitectos preferiam fazer frente e opor-se a regras como a pureza geométrica ou a forma em relação à função, partindo da remontagem das várias partes de um projecto, dando, por vezes, a impressão de um projecto caótico, imprevisível, desprovido de lógica. Desta forma, alguns princípios elementares da arquitectura passaram a ser distorcidos e deslocados do contexto! Os sistemas são interrompidos em diferentes camadas, já que a ideia principal é, mesmo, a fragmentação. Baseia-se em pensamen-

tos novos com vista a criar novos conceitos e limites na arquitectura, o que nos permite ser mais flexíveis no conceito e ainda mais criativos no processo.

A estratégia para o pensamento passa por um processo de despojamento total das verdades ditas como absolutas. É neste posicionamento crítico social e na visão da sociedade como um todo, e na qual se tem que garantir o bem-estar e a qualidade de vida da humanidade, que a ideologia desconstrutivista converge.

Referências bibliográficas:

- [the-decorators.net/Nomadic-Tables](http://the-decorators.net/Nomadic-Tables)
- MARQUES, Gaylord, *Arquitectura desconstrutivista aplicação a um projecto prático*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Engenharia da Universidade da Beira Interior, 2013.
- BERTOLDO, Marjory Ribeiro, *A ideia arquitectónica representada através de imagens: sobre o uso de renderizações e colagens na apresentação da atmosfera da arquitectura*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2019.
- [falaatelier.com/unbuilt-projects](http://falaatelier.com/unbuilt-projects)
- [domusweb.it/en/architecture/2012/10/03/ikea-disobedients-at-moma-ps1.html](http://domusweb.it/en/architecture/2012/10/03/ikea-disobedients-at-moma-ps1.html)

## **A Desconstrução Arquitectónica. Da radicalização do pensamento à contrariedade do mestre**

*Anny Sismanoglu*

O chamado “pensamento radical” na Arquitectura atinge muitas formas, seja através da escrita, de instalações, projectos ou cenografias, mas com um único objectivo, de quebrar paradigmas criados na sociedade e impulsionados com o passar das décadas. O debate ganha força, trazendo novas perspectivas e pensamentos. Este carácter crítico e discursivo percorre através de muitas gerações e, com o passar do tempo, vem-se expandindo e assumindo uma nova forma: a “Arquitectura radical” e o “pensamento crítico”.

Pensamento (1) é descrito como “acto, faculdade de pensar”, ou “ideia, reflexão, consideração”, até mesmo como “intenção, conceito, opinião”. Radical vem do latim, “radix, -icis, raiz + -al”, significa “da raiz”, ou “que é drástico ou brusco”. Afirma-se então que o dito “pensamento radical” é o acto de pensar de forma drástica, uma ruptura com o antigo, o tradicional.

Este tema vem sido trabalhado ao longo de décadas por diversos arquitectos e críticos de Arquitectura. Segundo o arquitecto e cineasta Liam Young, em uma entrevista para o Instituto Strelka, os Archigram foram os que impulsionaram de forma radical a forma de pensar e se expressar através da Arquitectura, além da construção: “Considere um grupo como o Archigram, que estava activo na década de 1960. Acho que eles tiveram mais voz na arquitectura britânica do pós-guerra do que

qualquer outro edifício jamais teve. Eles estiveram envolvidos em toda uma mudança cultural que passou de pensar na arquitectura como algo massivo, grande e permanente, para algo que poderia ser flexível, descartável e temporário. Eles não precisaram fazer um único prédio para fazer isso. Então, acho que a reivindicação na arquitectura especulativa não é realmente dizer que é uma nova disciplina, mas legitimá-la e formalizá-la de uma forma que não era antes.” (2)

Entretanto, antes mesmo dos Archigram nos anos 1960, já vieram outros arquitectos com esses objectivos, os Team X nos anos 1950, composto originalmente por Jacob Bakema, Georges Candilis, Giancarlo De Carlo, Aldo van Eyck, Alison e Peter Smithson e Shadrach Woods, mas que atraiu a atenção de arquitectos como José Coderch, Ralph Erskine, Amâncio Guedes, Rolf Gutmann, Geir Grung, Oskar Hansen, Reima Pietila, Charles Polonyi, Brian Richards, Soltan Jerzy, Oswald Mathias Ungers, John Voelcker e Stefan Wewerka. Tinham o objectivo de dar novas soluções e questionar o que havia sido feito na Arquitectura e Urbanismo ao longo dos anos. Surgiram dos CIAM, criado décadas antes, inicialmente por Le Corbusier nos anos 1920, com os



mesmos objectivos, mas estes mesmos foram questionados pelos Team X.

Este é um exemplo curioso onde o “aprendiz” passa a questionar o “mestre”. A vertente é sempre a mesma: “esquecer o passado”. O questionamento que fica é até que ponto o passado deve ser esquecido, tendo em conta a forma que o futuro vem sendo construído? Será a culpa do passado, ou o “pensar no futuro” nos faz esquecer que ainda existe um presente?

Pode-se dizer que os arquitectos da nova geração buscam também questionar e quebrar com a imagem criada pelos percursos da Arquitectura, através não apenas de projectos construídos no mundo real, mas também no imaginário, utilizando de instalações, cenografias e até mesmo a escrita, e utilizando de vertentes como política, problemas sociais e ambientais, para expressar seus pensamentos e angústias. Manifestar o pensamento radical, de forma a trabalhar o acto de pensar e expor as problemáticas do mundo, e assim promover e estimular o raciocínio das pessoas.

Nos tempos actuais, com o avanço tecnológico e o acesso às informações, muito arquitectos colocam em causa se de facto temos toda essa liberdade, ou se são apenas falácias criadas para uma falsa verdade. Um destes arquitectos é Guilherme Wisnik. Em sua obra *Dentro do Nevoeiro*, o tema principal é sobre a forma como esta “névoa” é trabalhada nos tempos actuais através do governo, que controla as fontes de mídia e imprensa, utilizando de metáforas como o vidro, que representa a transparência, mas o mesmo pode ser trabalhado de formas a esconder o que realmente acontece, e passa apenas a mostrar o

que quer e quando quer. Wisnik diz em seu livro: “Procurei discutir, aqui, o modo como a nebulosidade e a falta de clareza e definição podem assumir sinais tanto negativos quanto positivos no mundo actual. Afinal, a imagem da nuvem não é unívoca. Se, por um lado, dentro dela nos vemos cada vez mais controlados e expropriados dos meios cognitivos para mapeá-la, por outro, são as poéticas do embaçamento e do retardamento, em arte, as estratégias que melhor se opõem ao regime de nitidez das imagens-fetiche que alimentam a ‘sociedade da hipervisibilidade’ na qual vivemos, e que é o par oculto das nuvens financeiras e digitais. Cegos de tanto ver as coisas, precisamos buscar algum recuo em relação ao contexto no qual estamos imersos, e, sendo contemporâneos, ‘neutralizar as luzes que provêm da época para descobrir as suas trevas’, relembrando as palavras de Agamben. Dessa perspectiva, talvez seja possível ver a tragédia latente e abafada do nosso tempo, dispersa e oculta em meio à ‘névoa da guerra’. Imagem-enigma. Um quase anagrama perfeito.” (3)

Juntamente com Wisnik, Joaquim Moreno, arquitecto e curador, também busca em seus trabalhos utilizar da analogia e conceitos para tratar de temas actuais e especulativos sobre o momento actual da sociedade. Utiliza do conceito “Hiper-realidade”, onde pode-se fazer um paralelo com o tema trazido pelo cineasta Adam Curtis, a “Hiper normalização”, também citado no livro *Dentro do Nevoeiro*, onde ambos os temas tratam sobre a complexidade do mundo real e como este passa a ser um “mundo falso”.

A ideia de criticar essas políticas e trazer este pensamento também é abordado pelo arquitecto Luís Santiago Baptista, cujo publicou um texto sobre “crítico o crítico”, onde embora o tema do texto seja direccionado ao crítico de arquitectura, pode ser utilizado em diversas áreas, onde o objectivo é questionar o “por quê das coisas” e remete à ideia do “aprendiz” que questiona seu “mestre”.

Muitos outros arquitectos poderiam ser abrangidos neste assunto, assim como a arquitecta Mariana Pestana, cujo em um de seus recentes projectos aborda sobre “as novas práticas espaciais”, uma outra forma de repensar o espaço e, novamente o “por quê”. Assim como Beatrice Galilee, onde acaba por questionar os antecessores na Arquitectura, os ditos “mestres”, e trás em seus projectos iniciais de carreira, arquitectos e artistas

de diferentes regiões, quase como uma ironia do “underground” em seu projecto *The Gopher Hole*, onde estes convidados não faziam parte dos “grandes da Arquitectura”, no subsolo, discutindo ideias e temas diversos.

É arriscado afirmar que talvez as últimas gerações de arquitectos e as próximas a surgir estão no caminho correcto, de repensar e questionar. Estes arquitectos trabalhados e estudados trazem consigo um novo pensamento, o “pensamento radical”, e o principal elemento encontrado em todos foi a vontade de fazer algo a mais, de mudar e inovar, seja através de uma revista, um texto crítico, uma instalação, ou simplesmente um debate aberto. Talvez a proactividade seja o principal elemento, agir antes de esperar pelas respostas, ou que o outro faça o que podemos fazer agora, já seja uma forma de começar.

O pensamento radical na arquitectura não se revela apenas na arte de fazer, mas também em uma filosofia de vida e crenças.



Referências bibliográficas:

1. *What is speculative architecture? Faq by Liam Young*. Disponível em: [strelkamag.com/en/article/what-is-speculative-architecture](http://strelkamag.com/en/article/what-is-speculative-architecture)
2. [dicionario.priberam.org/pensamento](http://dicionario.priberam.org/pensamento)
3. WISNIK, Guilherme, *Dentro do Nevoeiro*, São Paulo: Editora Ubu, 2018.

Imagens:

1. “O fim dos CIAM a entrar pela porta”, colagem de autoria própria.
2. “Vizinhos de ideias”, colagem de autoria própria. A colagem representa a forma como mesmo os arquitectos estando em suas próprias casas (ou seja, seus projectos e filosofias), todos vivem num mesmo edifício, compartilham de ideias parecidas, ou até mesmo iguais, mantendo suas filosofias e trabalhos, mas que no final colocam em causa a sociedade, o ensino, a política, colocando sempre em questão a Arquitectura.

## Arquitectura online vs Arquitectura offline

Beatriz Silva Marques

Com base no percurso do arquitecto Andrés Jaque, desde o Office for Political Innovation ao livro *Mies y la gata Niebla*, pude conhecer o modo radical sobre como a arquitectura pode ser interpretada, praticada e comunicada. Através dos seus trabalhos e críticas, detectei uma expressão muito utilizada por ele: “*A arquitectura online e offline*”. A partir daí, comecei a descodificar o seu significado: qual era a intenção de Jaque com esta afirmação? Porquê de utilizá-la como crítica?

De facto, *Mies y la gata Niebla* aborda muito as questões das tecnologias: o consumo e a exposição excessiva dos *media*, as exibições pessoais perante as redes sociais, a falta de privacidade, a dependência tecnológica intrínseca na sociedade, entre outros. Um exemplo ilustrativo que usa a questão da “*arquitectura online e offline*” é o caso da *Rolling House for Rolling Society*, uma arena pública de necessidades compartilhadas e vida em comunidade, graças às tecnologias das redes de telecomunicações em massa.

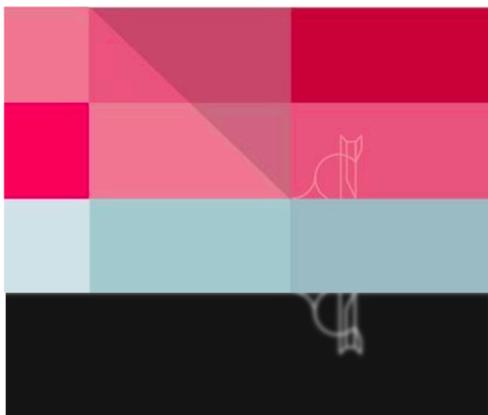
Assim, tanto o projecto de Jaque, como as suas ideologias, surgem como mote para este trabalho. Uma crítica sobre uma arquitectura *online*, uma arquitectura conhecida, de nome, comercializada, exposta nas redes sociais, transparente, vendida, falada por todos... Em objecção a uma arquitectura *offline*, uma arquitectura de sombra, feita por autores desconhecidos, ainda pouco falada e teorizada.

Moisés Poente, no livro *Cháchara y otras histórias de arquitectura*, critica uma nova cultura visual, uma arquitectura construída e seduzida pela imagem. Tanto pode ser feita pelos Fala, com os seus padrões, cores e referências notáveis, como também pode ser representada com as texturas e os materiais vibrantes do Andrés Jaque. Ambos comunicam o seu trabalho pela imagem, apesar das suas diferentes técnicas e métodos de exposição imagética, ambos partilham a mesma intenção — a sedução do cliente.

No entanto, com o propósito de salientar este ‘novo poder sedutor’, Moisés descreve os concursos arquitectónicos nos dias de hoje — não são as plantas e os cortes que ganham as competições, são os *renders*, as imagens trabalhadas, as que, muitas das vezes, não traduzem o real. Porém, este não é o único método que ilude o comprador, o trabalho do fotógrafo entra aqui também. De facto, é através de uma arquitectura cuidadosamente enquadrada que os fotógrafos recriam uma beleza que vai além dos olhos do arquitecto. Exemplos como Ivo Tavares e Fernando Guerra são capazes de traduzir uma arquitectura mais sedutora, que agora é editada e construída por fotógrafos, vendida através de imagens, vista no *online*.

Contudo, Nuno Cera e André Cepeda apresentam trabalhos que revelam outro olhar, um olhar contrário ao ‘fascínio’ publicado na internet, um olhar talvez mais ignorado, menos exposto, menos vendido, menos falado, mais *offline*...

Porém, os arquitectos são também críticos desta problemática. E um exemplo disso é o projecto *Phantom, Mies as rendered society* do Office for Political



Innovation. Andrés Jaque utiliza os objectos desgastados que estavam na cave do pavilhão alemão de Mies van der Rohe como material da exposição no piso ‘nobre’, o piso onde todos os visitantes e admiradores de Mies fotografam e expõem nas redes sociais. Assim, ao expor estas peças desconhecidas para o mundo, fora da ‘cave fantasma’, Jaque exhibe o *offline* do pavilhão para a sociedade, para tudo o que é público.

É evidente que a questão da arquitectura *online* e *offline* não se resume só à exposição dos *media*. É também influenciada por áreas relacionadas com o ensino, com a teorização e a prática da arquitectura. O projecto *Geração Z* da revista *Arq.a* de Luís Santiago Baptista, como o projecto *Habitar Portugal*, foram iniciativas que aproximaram a arquitectura dos cidadãos e que abriram para todos os arquitectos.

Conhecemos obras e autores desconhecidos, novos pensadores, arquitectos do Lado B, arquitectos que para nós, alunos desta unidade curricular, não eram do nosso conhecimento e aprendizagem. E como tal, isso tornou-se ainda mais evidente quando os estudantes colocaram questões nas entrevistas aos

arquitectos convidados. Lançaram-se dúvidas sobre o método de ensino actual, questionaram-se opiniões e alterações a serem feitas, de modo que o ensino seja revigorado, seja novo, diferente, desafiante. E qual será a razão para esta inquietação dos alunos?

Penso que, como estudante do quarto ano do curso de arquitectura, a resposta direcciona-se ao ensino dos três primeiros anos. Muitos de nós chegamos ‘sem bagagem’, sem conhecimento, vagueando pelo incógnito. No entanto, somos logo bombardeados com teorias e práticas de arquitectos tradicionais, arquitectos de vanguarda, de ‘nome’, arquitectos que, durante o nosso percurso académico, são as nossas bases, as nossas referências, o nosso *online*. No entanto, esta unidade curricular, no meu ponto de vista, quebrou esse rótulo. Deu-nos a conhecer pensamentos radicais de arquitectos que validam novos caminhos, críticas sem medos. Ofereceu o que, para mim, era um *offline* e, conseqüentemente, um olhar diferente em relação ao modo como a arquitectura pode ser executada, interpretada e comunicada.

Projectos como: *A Forma da Forma* de André Tavares e Diogo Seixas Lopes — que desafiaram as noções de autoria e os limites da forma, permitindo reinventar o sentido da própria profissão, com uma conversa colectiva de arquitectos de todo mundo; ou como a exposição *Eco-Visionários: arte e arquitectura após o Antropoceno* de Mariana Pestana — sobre visões críticas e criativas face às transformações ambientais que prejudicam o planeta — são exemplos que, para nós, alunos, nos incentiva a querer saber mais sobre esta arquitectura que andou



Assim, tal como Mariana Pestana titula uma das suas exposições — *The Future Starts Here* —, o futuro que nós, alunos de arquitectura, devemos procurar, é um futuro sem nevoeiro, sem a “*nuvem da actualidade*” que Guilherme Wisnik metaforiza numa arquitectura de vidro, transparente, nua, num mundo onde somos vigiados pela *cloud*, num mundo sem privacidade, sobrecarregado de *medias*. Devemos pesquisar e querer saber mais sobre o que está por detrás do *online*, o que não é visto, o que não é ‘de nome’, o que é diferente e radical — o que é *offline*.

escondida por três anos, que não fez parte das nossas referências, da nossa maneira de pensar e criar a arquitectura.

Tal como o Office for Political Innovation, no *IKEA Disobedientes*, desobedece os critérios deste provedor de estruturação social e constrói uma maneira diferente de vida em comum, instalando a controvérsia e o desacordo precisamente no local onde os afectos podem emergir. Nós, alunos de arquitectura, também o fazemos agora de um modo diferente. Começamos a questionar mais o Lado A, o lado que nos foi ensinado, analisámo-lo com outros olhos, olhos que suscitam novas transformações radicais, novas críticas para a sociedade em que vivemos. Tal como o projecto *The World Around* de Beatrice Galilee. Este também incentiva um debate de histórias importantes e impactantes sobre a cultura arquitectónica do momento, de modo que o molde das nossas vidas contemporâneas seja mais visível.

#### Referências bibliográficas:

- [officeforpoliticalinnovation.com](http://officeforpoliticalinnovation.com)
- JAQUE, Andrés, *Mies y la gata Niebla. Ensayos sobre arquitectura y cosmopolítica*, Barcelona: Puente editores, 2019.
- WISNIK, Guilherme, *Dentro do Nevoeiro*, São Paulo: Editora Ubu, 2018.
- PUENTE, Moisés, *Cháchara y otras historias de arquitectura*, Madrid: Caniche Editorial, 2020.
- [geracaoz.wordpress.com](http://geracaoz.wordpress.com)
- [o608.habitarportugal.org](http://o608.habitarportugal.org)
- [ccb.pt/evento/fernando-guerra](http://ccb.pt/evento/fernando-guerra)
- [ivotavares.net](http://ivotavares.net)
- [nunocera.com/photography](http://nunocera.com/photography)
- [andrepeda.com](http://andrepeda.com)

## Lado A e B na Arquitectura Portuguesa

Cristina Souto

Durante doze sessões de aulas de Pensamento Radical na Arquitectura, e com várias problemáticas assentes em cima da mesa, a que mais me inquietou foi sem dúvida o confronto entre o conservadorismo e a vanguarda na arquitectura portuguesa.

Estes dois termos podem ser considerados binários opostos quando o tema principal discutido é arquitectura. Nos seus significados mais puros, conservadorismo é a atitude que defende ideias tradicionais, preserva a memória e a história. Por outro lado, existe a atitude vanguardista. A vanguarda é a palavra que caracteriza o movimento intelectual ou artístico que está ou procura estar à frente do seu tempo. Existe neste termo uma forte conotação de mudança, uma ânsia de experimento.

É ainda importante referir nesta pequena introdução que não existe o lado certo nem o lado errado, o inferior ou o superior, o melhor ou o pior. Apenas existe o lado A e o B, e que nem sempre são extremistas, como Joaquim Moreno referiu na conversa com a turma via Zoom. Tal como Pedro Baía refere num dos seus textos no *Jornal Arquitectos*, “Nuno Abrantes. Um conservador jovem arquitecto”, existem várias ramificações destes dois termos, tais como: o *ultraconservador*, o *conservador-tradicionalista*, o *conservador-retrógrado*, o *conservador-progressista*, o *conservador-moderado* e claro, por outro lado, o *vanguardista-progressista* e assim por diante.

Ao longo de todas as sessões, fui-me interrogando, e tentando perceber de que lado da *trincheira*, como Luís Santiago Baptista lhe chama, os *protagonistas* se posicionavam.

Não prometo escrever por ordem cronológica de acordo com as sessões leccionadas, mas sim, pelo que penso que faça mais sentido e que seja mais adequado ao meu pensamento.

Senti o peso deste tema quase no final das sessões, com a nossa protagonista, Beatrice Galilee. Ao falarmos sobre o percurso de Beatrice, é indispensável mencionarmos a Trienal de Lisboa de 2013 (Trienal essa bastante polémica e criticada por arquitectos e outros artistas conservadores), curadoria proposta em conjunto com Mariana Pestana, também uma das nossas protagonistas. Numa das suas entrevistas respectivas ao seu percurso e aos seus feitos, refere que em Portugal existe uma forte tradição e consequentemente influência de Álvaro Siza Vieira e de Eduardo Souto de Moura, trazendo com eles uma nuvem máscula. Beatrice, de nacionalidade britânica, sente este peso da cultura e de conservadorismo que temos em Portugal.

Numa das primeiras sessões desta unidade curricular, tivemos como protagonistas os Depa. Este atelier de arquitectos ganha o seu primeiro concurso com um projecto com traços e feições semelhantes aos dos projectos de Aires Mateus, sabendo que este iria ser um dos jurados. Os próprios arquitectos assumiram que foi uma estratégia pensada. Isto não faz deles conservadores (apesar de que, na minha opinião, de todos os arquitectos e artistas que passaram pelas nossas aulas, este grupo

tenha sido dos mais conservadores), mas só prova que o ponto de vista que a Beatrice defende é uma verdade, na qual a influência, o tradicionalismo, o conservadorismo e o preconceito pela vanguarda que existe na arquitectura portuguesa é inegável.

Contrariando este sufoco, é assim que surge *Close, closer*, como uma oportunidade que oferece perspectivas e visões diferentes sobre a forma de praticar arquitectura. Estará Beatrice Galilee posicionada no lado A ou no lado B? É marcada com certeza com uma atitude vanguardista... Com o seu experimento procurou uma ruptura e uma mudança.

Experimento, um dos adjectivos que posso atribuir à *Geração Z* proposta pela revista *Arq.a*, dirigida por Luís Santiago Baptista até 2016. Esta exposição tinha como propósito descobrir as práticas de arquitectura que estavam a emergir em Portugal.

Esta prática só por si não denuncia Luís Santiago Baptista como um vanguardista, mas sim o seu interesse não só pelo futuro mas, ainda mais importante, pela actualidade.

Eu, aqui, agora, não sei o que está a acontecer em tempo real no mundo, e não sei o que o amanhã reservou para a humanidade. Esta imprevisibilidade dissolve o espaço existente entre o que é provável e o que é improvável, igualando assim a probabilidade à improbabilidade. E se trocarmos o provável pelo improvável? *Modern Masterpieces Revisited*, que deu origem a um catálogo e a uma exposição inaugurada em 2016 na Galeria Boavista, tenta responder a esta pergunta, onde são submetidas obras primas de arquitectura contempo-



Fig1. Modern Masterpieces #8, Le Corbusier, Unité d'habitation, Luís Santiago Baptista

rânea a outros meios ambiente e a outros contextos sociais e políticos.

Na minha perspectiva, Luís Santiago apresentou pontos de vista radicais, assim como os cenários, tornando estas obras primas utopias, mudando o seu espaço, o seu tempo, o seu ambiente social e até mesmo o seu aspecto, tornando-as inconstrutíveis. De que lado da trincheira ele se encontra? Definitivamente do lado esquerdo, com este pensamento que procura estar à frente do seu tempo, que problematiza, provoca e questiona.

Este último projecto mencionado funcionava muito à base de fotografias e colagens, de modo a transmitir a ideia do arquitecto, muito à semelhança dos Fala. Apesar dos Fala serem muito mais do que a forma como representam os seus projectos, é exactamente esse motivo pelo qual são reconhecidos.

Cor, padrão, textura, curva, são características dos projectos deste atelier e são um grande exemplo do que se espera da vanguarda. Com os seus projectos em tons pastel, e com mármorees que lhes

oferece esta imagem inocente, seguem assim um caminho arriscado, bastante criativo, em busca de uma nova linguagem, livre de influências e tradições. Por outro lado, penso que estão presos demais a esta imagem que criaram de si próprios. Continuam a ser vanguardistas? Ou passam a ser vanguardistas-conservadores da sua própria arquitetura?



Fig2. Técnica de representação/Resultado final, Atelier FALA

Pensamento Radical na Arquitectura cumpriu a sua missão. Questionámos, provocámos, interpretámos, manifestámos, e não seria radical se não nos trouxesse este leque de protagonistas vanguardistas e muitos outros que não foram mencionados neste texto, ainda que, na minha opinião, assim como os Depa, não sejam todos radicais, que nos inquietassem e nos colocassem questões.

Compreendo e defendo que a história e a cultura arquitectónica do passado é importante e devemos, a partir dela, estruturar o nosso pensamento. História tem sempre um significado histórico que em todas as áreas, seja arquitectura, filosofia ou matemática, tem a sua carga na construção do pensamento e de preferências. No entanto, não devemos de sentir a obrigação de ser fiéis à tradição para sermos bons arquitectos ou de nos sentirmos pressionados ou influenciados, mesmo que parte do nosso percurso académico nos direcione e formate exactamente para termos essa visão conservadora, privando-nos de experiências e de atitudes vanguardistas.

Por outro lado, temo que o confronto entre este binário se torne absurdo. O que há de novo na arquitectura para se descobrir? Muitas das vezes pensamos que estamos a ser pioneiros em algo, até que damos conta que tudo o que tinha de ser inventado já foi inventado.

Moisés Puente refere-se exactamente a esta questão no seu livro *Cháchara y otras historias de arquitectura*. Antes, o sujeito era obrigado a submeter-se aos valores tradicionais, até surgirem as vanguardas artísticas, provocando uma fé cega no progresso. A constante busca do novo anula por completo a ideia de que algo novo possa aparecer depois do novo.

Vemos o conservadorismo como o lado maduro e sábio, porém, olhamos para ele de forma aborrecida, despojada de curiosidade. Vanguarda é o oposto, é o radical, com menos responsabilidade. Se o conservadorismo preserva a memória, este tem sempre uma saída e uma continuidade porque tem sempre o mesmo propósito. O que não acontece

com a vanguarda, que se encontra num beco sem saída, porque a sua única continuidade seria abrir um novo caminho, encontrar algo novo. Mas o que haverá mais para inventar e descobrir com todo este fascínio pelo progresso? Será que vai existir o lado C? Não subestimemos o cérebro humano nem o seu pensamento radical.

Referências bibliográficas:

- BAÍA, Pedro, “Nuno Abrantes. Um conservador jovem arquitecto”, *Jornal Arquitectos*, n.º241, disponível em: [arquivo.jornalarquitectos.pt/pt/241/mais%20novos](http://arquivo.jornalarquitectos.pt/pt/241/mais%20novos)
- Sobre Beatrice Galilee, disponível em: [youtu.be/EscWSm3c\\_Zc](https://youtu.be/EscWSm3c_Zc)
- Trienal de Lisboa 2013, disponível em: [trienaldelisboa.com/programa/trienais/2013](http://trienaldelisboa.com/programa/trienais/2013)
- *Geração Z #1*, disponível em: [revarqa.com/content/1/460/geracao/](http://revarqa.com/content/1/460/geracao/)
- *Modern Masterpieces Revisited*, Luís Santiago Baptista, disponível em: [mas-context.com/tag/luis-santiago-baptista/](http://mas-context.com/tag/luis-santiago-baptista/)
- PUENTE, Moisés, *Cháchara y otras historias de arquitectura*, Madrid: Caniche Editorial, 2020.

## A Sociedade e o Arquitecto

João Leite

Desde sempre que a sociedade se envolve sobre a criação humana que interliga a população às suas práticas próprias do local, nomeadamente a arquitectura. O papel desta ou, mais concretamente, do arquitecto torna a envolvente legível e facilmente compreendida, seja esta por construções monumentais ou por um simples hieróglifo talhado na parede. E então esta profissão evolui de acordo com estas variáveis que tenta mudar. Desde a criação da imprensa, a arquitectura é ameaçada, não só pelo seu significado histórico, mas também pela sua vontade expressiva e cultural, algo que a literatura consegue concretizar igualmente, sem o esforço que envolve a construção, com a imagem que substitui a presença física, criando sensações e espaços fictícios, através da abstracção e da imaginação do observador.

Esta evolução é convocada através de momentos chave, sempre acompanhados por desafios, não só arquitectónicos como económicos. Da criação da imprensa a uma crise financeira, esta mesmtria sobre generalidades tenta encontrar inúmeras respostas para a expressão, seja esta artística ou uma crítica à sociedade, própria do seu tempo. Literatura, construção, curadoria, práticas políticas – estas áreas partilham um propósito, a tentativa de comunicação com a população e, eventualmente, a demarcação histórica dos acontecimentos embebidos no actual.

Podemos observar esta vontade literária em André Tavares, arquitecto licenciado pela Faculdade de Arquitec-

tura da Universidade do Porto. As suas intenções por detrás da escrita, como podemos visualizar na editora Dafne, onde publicou inúmeros livros, tais como *Os Fantasmas de Serralves* e *Uma Anatomia do Livro de Arquitectura*, e na direcção do *Jornal Arquitectos* (2013-2015), é uma tentativa de análise e dissecação das inerências da arquitectura. Estes ensaios pretendem criar relações entre o existente e procurar similaridades, sejam estas arquitectónicas ou, até mesmo, aparentemente superficiais. A vontade educacional e observacional de André Tavares também está evidente na *Letters to a Young Architect*, onde a análise e crítica actual converte-se num aviso aos futuros construtores e escritores, tendo um impacto aparente na sociedade e na cultura das próximas gerações.

Não só podemos ter uma abordagem analítica e compreensiva, onde a comparação e a dissecação de variáveis são as peças principais, mas também um ponto de vista mais crítico, como a literatura de Moisés Puente, arquitecto licenciado pela Universitat Politècnica de Catalunya. No livro *Cháchara y otras historias de arquitectura*, a sua interpretação da avaliação arquitectónica tenta forçar uma mudança na actualidade com os seus comentários decisivos e directos, ao contrário da abordagem de André Tavares, que tenta fornecer bases de modo que haja uma evolução no pensamento artístico e construtivo, gradualmente. Estas duas abordagens literárias conseguem acolher os ideais arquitectónicos e traduzi-los em componentes que moldam a sociedade e a sua cultura. Seja esta mais passiva, com André Tavares, ou mais agressiva, com Moisés Puente, o



Figura 1- *Nomadic Tables, The Decorators*

seu propósito é sempre aparente e incisivo na envolvente que se encontra.

A construção e a criação de objectos, de modo a compreender e moldar o espaço, também tem um papel crucial na crítica do pensamento arquitectónico, como podemos observar em Mariana Pestana, co-fundadora dos *The Decorators*, e arquitecta licenciada pela Universidade do Porto. As suas construções e objectos precários, maioritariamente localizadas na cidade de Londres, demonstram a sua atitude com a população. Desde a criação das *Nomadic Tables*, mesa que aproveita a envolvente e emerge espaços com a apropriação das pessoas através do acto de comer, até ao *The Southbank Bell Tower*, que incorpora a história inerente ao local num acto incisivo sobre o espaço e com a população que o habita. Deste modo, a arquitectura emerge, não só no acto instintivo de sobreviver, mas também numa vontade de se expressar para além da criação de divisões e relações fabri-

cadas. Não só podemos criar estes dispositivos, que enriquecem o espaço público, mas também estruturas que conseguem implementar inúmeras relações, tais como o *Ridley's Temporary Restaurant* que, com uma licença de festival e consensualidade do proprietário do terreno, fornece um espaço temporário (~6 dias) que está ligado à envolvente e os seus costumes, neste caso culinário.

Esta influência sócio-cultural pode ser, para além de construtiva, representativa, como podemos observar nos Fala Atelier, liderado por Filipe Magalhães, Ana Luísa Soares e Ahmed Belkhodja. Apesar deste caso ser uma via de publicidade, de modo a criar lucro, a intenção de comunicação com o público está presente. A escolha de materiais (maioritariamente o mármore) e as fotomontagens, com recortes de quadros e esculturas, dos espaços visualizados pelo atelier, demonstram o poder da representação e como este tem um impacto social e económico. Podemos observar



Figura 2- Fotomontagem projeto não construído, Archigram

este poder ilustrativo em inúmeros casos, como os Archigram que, com a sua representação peculiar, representava as suas utopias e ideologias perante a população.

Estas interpretações do pensamento arquitectónico actual também se pode encontrar em práticas maioritariamente ligadas à curadoria e a uma ligação directa com o público, como podemos observar em Beatrice Galilee, curadora, crítica e consultora britânica, especializada nos campos de arquitectura e design. A sua experiência no jornalismo e o contacto directo com profissionais ligados ao design e à arquitectura conseguem personificar as relações entre o público e o porta-voz em espaço palpável ou apenas numa exibição que intensifica esta vontade de comunicação e de expressão artística. Podemos observar, no *The Gopher Hole*, estas intenções

previamente descritas onde, por baixo do restaurante El Paso, em Londres, a partilha de opiniões e a exposição de temas e práticas intrínsecas ao quotidiano são os tópicos principais. Desde uma resposta concisa aos problemas actuais, com *About a Minute*, que convida artistas e arquitectos a dar resposta ao quotidiano saturado de informação, até ao *Project Heracles*, que com o auxílio de cartões-postais de pessoas espalhadas pelo mundo, existe uma ilustração de ideais recreacionais e futuristas de modo que haja uma ligação entre a população e a prática arquitectónica.

Também podemos encontrar este espírito crítico na criação do *The World Around*, fundado e realizado pela Beatrice. Tanto o seu formato de apresentação, que se tornou online devido à pandemia, sublinhando ainda mais a importância do contacto com o mundo exterior, com tópicos inerentemente ligados a problemas contemporâneos, sejam estes climáticos ou económicos. Esta criação de uma rede internacional de informação e de crítica actual tem um raio de influência superior às tipologias anteriormente faladas (literatura ou dispositivos arquitectónicos) pois os temas abordados e a maneira como este é distribuído pela população não está limitado pela sua localização.

Talvez o impacto mais relevante seja aquele que não restringe o observador e impulsiona evolução. A criação de uma resposta em si delimita o pensamento crítico e, eventualmente, gera exactamente os mesmos problemas que previamente tentaram combater. O impacto irrelevante é, gradualmente, aquele que está livre de opiniões influenciadas pela envolvente ou até mesmo por arquitet-

tos que, inconscientemente, espalham os seus pontos de vista como dogmas arquitectónicos. É necessário tratar estas respostas de uma maneira imparcial e “fria”, podendo sempre ter uma opinião única e estéril, seja esta por escrita — como podemos observar em André Tavares, com a sua análise e dissecação teórica, e em Moisés Puente, com a sua crítica incisiva — ou representativa — seja esta construtiva com Mariana Pestana (*The Decorators*) e Fala Atelier, ou manifestada, com Beatrice Galilee. Devido à evolução desta profissão, o arquitecto já não é o autor de um simples edifício, mas um especialista em generalidades que consegue abordar inúmeras problemáticas tendo um impacto relevante.

#### Referências bibliográficas:

- “Uma Garagem para pensar o poder da arquitectura” (link: [publico.pt/2019/11/21/estudiop/artigo/garagem-pensar-urbanismo-1893883](http://publico.pt/2019/11/21/estudiop/artigo/garagem-pensar-urbanismo-1893883))
- DELAQUA, Victor, “Uma Anatomia do Livro de Arquitectura / André Tavares” (link: [archdaily.com.br/br/782400/uma-anatomia-do-livro-de-arquitectura-andre-tavares](http://archdaily.com.br/br/782400/uma-anatomia-do-livro-de-arquitectura-andre-tavares))
- TORRIJOS, Pedro, “La crítica de arquitectura ha dejado de hacer crítica, parece que huyen del tema” (link: [el-pais.com/icon-design/arquitectura/2020-11-14/moisés-puente-la-critica-de-arquitectura-ha-dejado-de-hacer-critica-parece-que-estan-huyendo-del-tema.html](http://el-pais.com/icon-design/arquitectura/2020-11-14/moisés-puente-la-critica-de-arquitectura-ha-dejado-de-hacer-critica-parece-que-estan-huyendo-del-tema.html))
- PESTANA, Mariana, “Nomadic Tables”, “The Southbank Bell Tower”, “Ridley’s Temporary Restaurant” (link: [the-decorators.net](http://the-decorators.net))
- SAMOVICH, Sera, “AA THINK TANK // PROFESSION: L’ARCHITECTURE «NAÏVE» DE FALA ATELIER” (link: [larchitectureaujourd'hui.fr/aa-think-tank-profession-fala-atelier/](http://larchitectureaujourd'hui.fr/aa-think-tank-profession-fala-atelier/))
- HOBSON, Benedict, “There is a practical side to Archigram, it's not just funny drawings” (link: [dezeen.com/2020/05/14/archigram-monte-carlo-dennis-crompton-video-interview-vdf/](http://dezeen.com/2020/05/14/archigram-monte-carlo-dennis-crompton-video-interview-vdf/))
- PESTANA, Mariana. “WITH BEATRICE GALILEE: UNFRAMING #2 - CITY” (link: [scopionetwork.com/blog/2018/11/5/with-beatrice-galilee-unframing-2city](http://scopionetwork.com/blog/2018/11/5/with-beatrice-galilee-unframing-2city))

**O conflito sem toque.**  
**Inquietação do vazio na**  
**Arquitectura crítica bicéfala**  
*Luíza Aredes*

**O conceito de Arquitectura**  
**Bicéfala no contexto crítico**  
**da arquitectura**

Nas palavras de Luís Santiago Baptista, dentro do contexto crítico da arquitectura, existe um “conflito entre dois lados que não se tocam”, onde ambos são altamente activos, mas nunca entram em confronto. De um lado, temos a arquitectura crítica da disciplina, preocupada com a linguagem, forma e tradução, mas incapaz de trazer uma resposta a partir de um projecto comunitário. Do outro lado, encontramos a arquitectura crítica social, que está interessada em buscar as questões político-contextuais inseridas no meio arquitectónico, mas que infelizmente não consegue encontrar o vínculo com a arquitectura projectual.

O espaço entre as duas vertentes cria uma possibilidade de confronto, onde o desafio é pensar na reversibilidade entre a análise da arte e a análise da sociedade — é pensar na inquietação no meio de tanta acomodação. Acomodação esta que se assemelha um jogo de luta em que ninguém se atreve (ou não quer) apertar o botão de ataque. E inquietação aquela que podemos chamar de Arquitectura da Participação.

**A Arquitectura da Participação**

A expressão “arquitectura da participação” foi introduzida pela primeira vez pelo arquitecto Giancarlo de Carlo e esta carrega uma visão múltipla do que pode

vir a ser a arquitectura no vazio intocável do conflito entre as duas dimensões críticas, um possível tocar das mesmas, uma resposta à acomodação, o choque do duelo.

Arquitectos da crítica disciplinar que pregam pela autonomia da profissão, como André Tavares e Diogo Seixas Lopes, preocupam-se com a forma de expor a arquitectura, enquanto outros, como Guilherme Wisnik e os Fala Atelier, mostram-se comprometidos com a arquitectura enquanto prática social. Ambas as práticas operam de acordo com a arquitectura tradicional: detecção de um problema, proposição de uma solução e posterior avaliação (crítica). A arquitectura da participação, então, nos convida a construir um novo esquema, não linear, que reposiciona o papel do arquitecto.

Joaquim Moreno nos dá indícios dessa mudança quanto ao papel do arquitecto: “Precisamos introduzir o ponto de vista do cliente, que está sempre reduzido ao programa.” É notável que os arquitectos visualizem os futuros usuários como um único tipo, onde tentam encontrar um modelo que acaba por ser irreal, um homem universal criado pelo pós-moderno, reduzido às necessidades objectivas, não sujeito assim às suas próprias complexidades.

Dessa forma, a arquitectura crítica da participação implica no diálogo entre a ideia e a prática, entre a arte e o social, associando todos os envolvidos na operação arquitectónica, a espera de produzir não um resultado sólido, mas sim um processo duradouro de interações que concilie o espaço construído às necessidades de seus futuros e diversificados usuários e suas consequentes mudanças.



Fotomontagem própria – choque entre a arquitetura crítica da disciplina e o social

Esta nova resposta à dualidade crítica corresponde, então, a uma distribuição de poder e interacção entre todos os envolvidos, do usuário ao crítico.

Mariana Pestana transpore de forma clara esta nova e inquietante forma de buscar uma resposta às duas dimensões críticas já descritas. Curadora da exposição *O real e outras ficções*, a arquitecta busca a interacção com os usuários de maneira a usufruir da prática espacial, além de criar um pretexto para o diálogo e debate nestes mesmos espaços, sem deixar de implicar com as questões sociais. *Transitório Vivo* também se torna a resposta (ou o início de uma nova crítica) para aquilo que os arquitectos da disciplina e os arquitectos sociais não conseguiram alcançar (ou não procuram alcançar).

Beatrice Galilee, assim como Mariana Pestana, por meio do *The World Around* e *About a Minute*, procura introduzir a conversa e o debate no meio arquitectónico a fim de produzir

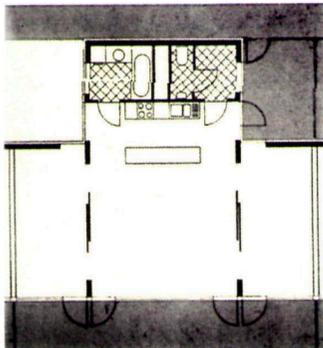
uma pluralidade crítica (a resposta ao vazio no meio do confronto bicéfalo), com novas perspectivas fora do contexto tradicional, fora do conformismo. Inquietada, a arquitecta busca derrubar a acomodação, incomoda os tradicionais, aproximando cada vez mais a arquitectura do cidadão, do usuário, explorando novas formas de reformular os modelos críticos existentes.

Outro arquitecto inserido dentro desta arquitectura crítica participativa é Andrés Jaque. Por meio da especialização do discurso, Jaque considera que a arquitectura acaba por ser uma necessidade colectiva do povo, mas não deixa de lado a tradução, linguagem e forma para construir ambientes inclusivos. *Run, Run, Run* é um claro exemplo disto. A união de diferentes disciplinas e a transposição do discurso para o projecto faz do arquitecto o maior exemplo do que De Carlo chamou de arquitectura da interacção.

## Acomodação x Inquietação

“O nosso espírito jovem traduz-se numa certa inquietação, que é uma coisa que provavelmente vai deixando de haver com a maioria dos arquitectos.” A acomodação é “natural” para “quem já tem uma carteira de clientes e uma linguagem definida” e não faz questão de encarar o diferente, atacar o outro. A arquitectura da interacção quer assim dismantlar os acomodados (os críticos em confronto) — ela inquieta-se no vazio de duas vertentes intocáveis.

Muitos exemplos para além dos arquitectos referidos mostram-nos que a arquitectura da participação é possível e justificável. Mas por que então permanecemos acomodados? Não queremos iniciar o tal conflito por quê? O tal choque poderá levar à destruição da arquitectura como disciplina autónoma?



5 Wohnregal Koppstrasse, Helmut Wimmer, 1999. Typical of an approach where the designer provides an open structure for others to fill in as they wish. 135

John Turner dá-nos um exemplo do estudo da periferia da cidade de Lima, no Peru, em *Housing by people* (1977), com ideias de promoção da autoconstrução, dentro dos pretextos interactivos.

Ideias essas que foram inspiração para J. Habroken com o *Desenho de Suporte* — “uma estrutura simples básica com potencial evolutivo (estrutura ambígua). No projecto pode ser reconhecida na ideia de incluir o usuário no próprio projecto, democratizando a arquitectura. O usuário deve abandonar a sua posição de consumidor simples.”

O caso de estudo em New Castle no Reino Unido, por Ralph Erskine torna-se também uma referência relevante, em que o arquitecto fez apenas “um projecto de intenções”, sendo aberto a modificações democraticamente segundo sugestões dos futuros moradores.

A exposição *O Processo SAAL: Arquitectura e Participação 1974-1976*, organizada pelo Museu de Serralves em colaboração com o Canadian Center for Architecture, Montreal, expôs um projecto arquitectónico e político criado poucos meses depois do 25 de Abril de 1974. Esta fusão entre arquitectura e participação directa, numa tentativa de atender às necessidades de populações desfavorecidas, foi um dos projectos mais pioneiros na Europa do seu tempo.

A mostra também divulgou encomendas fotográficas realizadas pelos fotógrafos André Cepeda, José Pedro Cortes e Daniel Malhão em que apresentaram o estado actual de alguns dos projectos mais emblemáticos.

Todos estes exemplos mostram mais uma vez que o choque entre a dualidade crítica pode e deve acontecer. A inquietação do “espaço entre”, do vazio, volta a agitar os condicionados, os que não querem iniciar o conflito.

É claro perceber que as duas dimensões críticas descritas aqui estão mais que acostumadas a analisar e desenvolver.

ver sempre o mesmo tema, repetidamente, mudando apenas certos olhares, certos objectivos. Estão acomodadas, é evidente que não querem e nem buscam sair deste patamar, nenhum deles ousa apertar o *start*. No entanto, a arquitectura participativa traz a parte prática e crítica que realmente provoca, desperta, muda o cânone.

Trata-se, por fim, de uma estrutura normativa que nos impede de navegar entre o vazio criado entre estas duas vertentes. Pluralizar os pontos de vista na dimensão crítica torna-se necessário para não continuarmos acomodados entre apenas duas tendências. Assim, a concepção de novos grupos de arquitectos que tentam vencer esta inércia torna-se relevante na chamada Arquitectura da Participação, que se ergue no meio do vazio criado entre o confronto bicéfalo, criando o choque, inquietando-se no meio de tanta acomodação, esta hoje demasiado comum na nossa geração.

#### Referências bibliográficas:

- DE CARLO, Giancarlo, “Uma arquitectura da participação”, in RODRIGUES, J. M. (coord.), *Teoria e crítica de arquitectura: Século XX*, Lisboa: Ordem dos Arquitectos Portugueses e Caleidoscópio, 2010, p.753-758.
- FRIEDMAN, Yona, *Toward a Scientific Architecture*, Cambridge: MIT University Press, 1975.
- DE CARLO, Giancarlo, *Gli spirit dell'architettura*, Roma: Riuniti, 1999.
- DE CARLO, Giancarlo, *William Morris*, Milão: Il Balcone, 1947.
- [recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/8848/1/Vers%C3%A3o%20final\\_disserta%C3%A7%C3%A3o%20Tatiana%20Rom%C3%A3o.pdf](http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/8848/1/Vers%C3%A3o%20final_disserta%C3%A7%C3%A3o%20Tatiana%20Rom%C3%A3o.pdf)
- [issuu.com](http://issuu.com)
- [iporto.amp.pt](http://iporto.amp.pt)
- [analiscriticaarquitectura.com](http://analiscriticaarquitectura.com)

## Um (bodhi)<sub>1</sub> tiro no escuro

Mafalda Pereira

É suposto eu explorar um argumento de síntese final sobre as problemáticas levantadas pelas práticas dos arquitectos estudados nas aulas desta cadeira.

Sendo que não há regras textuais, e é pedido a minha perspectiva, porque não dar-vos uma visita guiada do meu “**atlas de parede**”? (2) Partilharei então a minha “**cosa mentale**”. (3)

Uma crítica pode averiguar vários factos acerca de um momento, uma pessoa ou de um objecto especulativo em questão, no entanto, dependendo de quem o escreve, estas estarão sobre o espectro constante desse mesmo. Dos seus gostos, dos seus *surroundings*, do que o faz de si, si mesmo, e o que esse próprio constrói. As críticas podem ser “arreatadoras” e **brutas** (4) mas trazem-nos muito, reflexões e introspecções, novos olhares sobre as mesmas coisas.

O professor regente desta cadeira, Pedro Baía, desde o início das suas aulas que, de si, trazia tanto os factos, como montava todo um **Circo de Ideias**. (5)

Um estendal onde viajávamos saltitando de uma corda para outra num trapézio equilibrado e ao mesmo tempo quase sôfrego de tanto que se tinha para mostrar e dizer. Numa das últimas apresentações, mostra-se esperançoso quanto ao exercício final, esperando que este aponte os resultados das suas aulas e que nos tenha tocado tanto a nós como faz parte da sua vida. Assim eu o percepcionava. O objectivo era mostrar que nos tínhamos divertido, que aqueles fragmentos de uma narrativa espacial, de todo este laboratório de pensamento gravitacional, se tivesse entranhado em nós, como um membro que levaríamos na nossa jornada como arquitectos e pessoas dali para a frente.

Por esse mesmo motivo, trouxe este mero prefácio de cunho pessoal introdutório, com o intuito de demonstrar que numa **revista NU**, (6) aqui crua estarei a fazer este texto que parece **em cima do joelho**, (7) no entanto, que realça as minhas intenções e apreciações finais sobre o compêndio da tal cadeira que de quase nada tem de Obrigatória, mas Muito de Pensamento Radical.

Considerando-me uma semi-arquiteta, o que absorvi nestas aulas, confesso, ir além de 1 mero argumento.

Seria insultuoso a meu ver, da minha parte, e um tanto hipócrita também,

após tanto

“**clip stamp fold**”<sup>8</sup> todas as quintas feiras de manhã, ignorar o cardápio que por mim fora

retido, diria quase de semelhante dimensão ao **Arquivo de Diogo Seixas**

**Lopes**<sup>9</sup>.

Creio ainda assim, como referi anteriormente como mote, uma breve e simplória rasca definição

do que poderá ser considerada uma crítica, e apesar de ir contra ao mural que acabei de construir no paragrafo anterior,

e **(complexidade**

**contradição**<sup>10</sup>, já

dizia Robert Venturi assim como Joaquim moreno por exemplo, se eles podem porque não eu também?); irei escolher e escrever sobre as temáticas que mais me impactaram. Picasso criaria uma 6º,7º e 8º dimensão só para fugir

ao devaneio que para aqui vai ou quem sabe para me ajudar a traduzi-lo e representá-lo.

Assim sendo, **me ti cu lo sa men te** começo por algo que me intrigou bastante e que não só é uma questão arquitectónica como poderáz esvoaçar outros campos, e até caracterizar uma época ou era. É natural que Joaquim Moreno seja dos artistas que mais me impactou nestas andanças colectivas devido ao facto de ter realizado um estudo stalkeando a sua vida na Wikipédia como pela Arte-capital e toda a *check list* disponível *online* com referências e testemunhos do seu trabalho. É interessante uma **CITAÇÃO** levantada pelo professor aquando falávamos da era digital e que de antes não havia tanta facilidade de acesso a material ou referências e inspiração no trabalho criado pelo mundo fora por artistas como este. No entanto, agora explodiu toda uma vaga nebulosa bem carregada de chuva de fanzines, archigrams, *NU's*, revistas, brochuras, sites, *Arq.a's*, *JA's*, posters, painéis, concursos, murais, **padlets**, (11) exposições, trienais, bienais, **instagram accounts**, (12) lojas, museus, casas de arquitecturas...

**Arte capital** (13) ironicamente serve-se da sua etimologia. Esse capital que poderá ter diversas interpretações e significados, empurra-me sempre para a desagradável noção de consumismo e capitalismo. Problemas que vivemos hoje em dia e que se entranham e expandem em toda e qualquer área praticamente. Não obstante, não julgando o conteúdo que esta traz ao mundo, é apenas mais uma unidade no sistema. Na mancha da sociedade/cidade.

*Tanto temos  
que olhamos para tudo  
e perdemos tempo  
para não perdermos nada,  
tanto que olhamos  
para o que não deve ser olhado  
e o resto no meio acaba  
esquecido e forçado.*

Numa nova pesquisa ressuscita o que outrora fora percorrido, mas agora já sem alma e sem vida. Entrando numa rotina de repetição e até de *copy-paste*. Não significa que o que esteja lá fora não seja de valor, pelo contrário. Contudo, este perde-se nas massas. Todos temos o direito a ter voz, acredito afincadamente nisso, todavia, como se vive num mundo onde ainda não há esse equilíbrio? Há coisas que se perdem e outras que se ganham. Holofotes baloiçam de um canto para outro com fugacidade, microfones e salas de espectáculos apinhados como nunca, no entanto, vazios ao mesmo tempo. É o “*show-off e swipe up para o next*”.

Estaremos a regredir no que diz respeito ao que as vanguardas modernistas e pós-modernistas trabalharam contra? As grandes rupturas e choques trabalhados, a tentativa de quebra do consumo da arte desenvolvida pelos dadaístas à arte conceptual, à *land art*, os *happenings*, as performances... será que não aprendemos nada com esses grandes artistas?

Tanto queremos partilhar, tanta sofreguidão e um mundo de possibilidades, tanto é o **circo de ideias** (5) e a repetição também: “ah ah ah!”, que por muito bom que seja não passa de mais um **Louvre**. E não desvalorizamos o Louvre. Pelo contrário. Mas, e ainda

assim, como se vive um espaço desses? Como se vive num mundo onde a torneira nunca desliga, onde a barragem quebrou de tanto que já transbordava a água, onde a água nunca seca mesmo que venha em mau estado?

“**Sala de aula de solidões**”, foi no que se tornou o mundo, infelizmente. Citando em parte Joaquim Moreno. Não sendo o único pelo qual me senti inspirada, mas ao mesmo tempo irradiava contradição.

Os Fala destacaram-se no mercado, **e v e n t u a l m e n t e**, pela sua linguagem ousada e peculiar, quase fantasiosa, que nos faz sentir embrulhados numa manta calorosa dos contos que acabam em “e viveram felizes para sempre”.

Alimentam-nos a alma e hidratam-nos o espírito quando os nossos olhos sobrevoam e seguem as suas imagens. Mas, e depois de entrar? Por onde seguir?

Ninguém fala objectivamente da **arquitectura da cidade**, (14) metafísica que se constrói à nossa volta, estas “**idades invisíveis**”, (15) esta grande “**auto-estrada do Sul**” (16) por onde a nossa ***promenade architecturale*** (17) ficou. E assim se deixou ficar, assim se acostumou.

Observando o **lado B**, (x) aprendi na minha viagem pelo estudo e degustar das artes, num **exercício experimental da liberdade**, (18) que na maior parte das vezes, e na minha mais sincera e profunda opinião, a arte funciona por instinto. É usada para exprimir sensações, fazer sentir emoções, pode ser exacerbada ou nihilista, há sempre uma intenção por detrás. Faz-se sentir, na sua tela, mesmo sem a tocarmos, no falso sol do Olaf Eliasson, no *In Conflict* “dos

Depa” e num amontoado de fragmentos da história e da cultura das artes.

Assim sendo, para além de devê-lo à minha personalidade, rego-me e guio-me pelo que me estimula, o instinto, o intuito, o propósito que faz florescer toda esta panóplia desta “Bela Arte”. Uma força que me assoberbou foram estas aulas e que levo comigo já como bronquíolo, a força dos instintos e da iniciativa.

*Vontade de fazer mais, tenho.  
Quando num mundo já há muito,  
questão que tanto a mim me faço,  
por eu ser eu, e pelo mundo  
estar assim, baço.  
Como saber onde pertencemos  
e onde nos inserimos?  
Esse é o intuito!*

Questões de ordem mais importante se levantam quando dialogamos filosoficamente sob a nuvem arquitectónico-artística. E essas sim foram as mais relevantes para mim de identificar. Era isso que tentava questionar aos convidados, pela experiência e sábias palavras e diversas perspectivas que connosco partilharam. É isso a que dou mais valor e que no caderno escrevo. Saber que todos passaram por este tipo de problema, cada um de uma maneira específica, consoante o contexto e fase de vida. Definições e informações de obras, peças, críticas, museus, livros, revistas, peças, curadorias e exposições, entre muitas outras, à net posso ir ver. Mas o diálogo, a comunicação directa, a ligação, a conexão, o prazer da “simples” tertúlia, “tradicional” e vernacular, por definição de dicionário... é algo único. Talvez quem sabe a solução desta nuvem

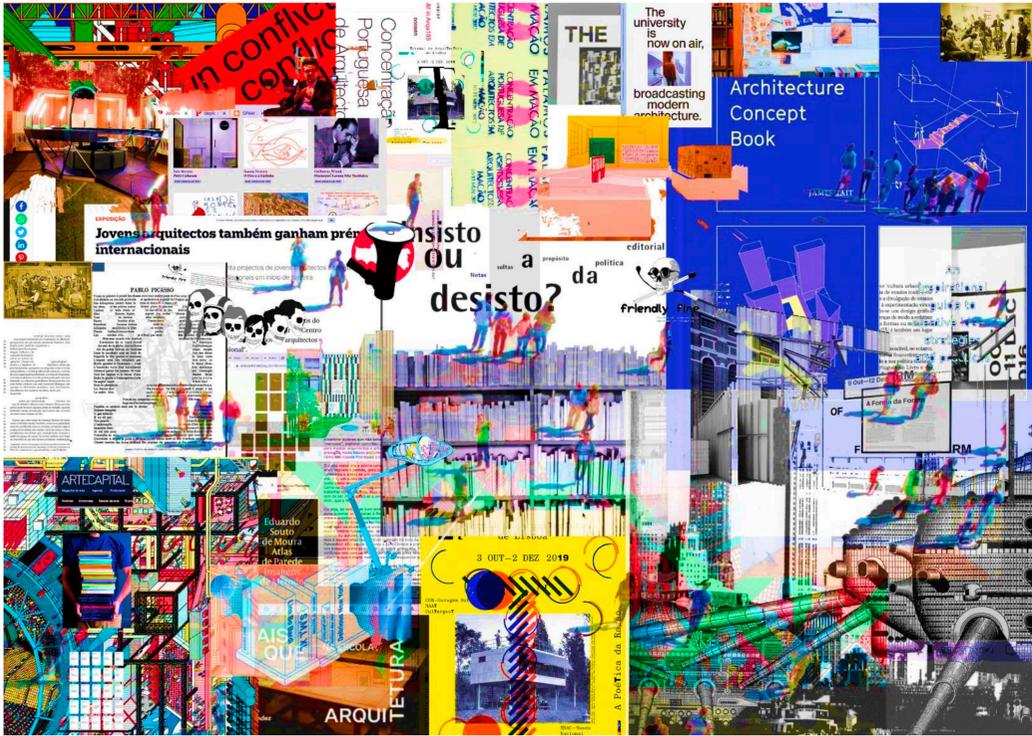


Imagem 2- Atlas de Parede/Cosa Mentale de “UM (BODHI) TIRO NO ESCURO”, por Mafalda Pereira

problemática que nos encima. Talvez me sinta assim porque ainda não entrei no “mercado” como eu, Mafalda Pereira, Arquitecta. Mas, mais uma vez, o que foi pedido foi escrever o tal do agora.

**The Gopher Hole** (19) surge como tentativa que solucionaria este problema que venho a descrever, só que ao mesmo tempo é mais um exemplo de um grande aglomerado de informação em curto espaço de tempo. Resolve à partida o problema do foco, mas apenas para quem está a participar na acção.

Já dizia Kat Edmonson, “*i am an old fashion gal*”, no entanto, apresenta essa mesma música na sua conta de *youtube*,

pela qual acede no computador e provavelmente no telemóvel. Ou no tema dos situacionistas, em que Mário Ramos e Fernando Barroso enterraram os Aliados em dunas de areia, utopicamente, “*to make a point/statement*”. No entanto, defendendo os situacionistas causas sustentáveis, e estando mediante a situação actual catastrófica do planeta que diariamente ignoramos (por exemplo, eu agora, mesmo aqui, a escrever isto, mas continuando), teriam de ir contra a sua “ideologia” e provocar só para chamar a atenção. Pois como haveriam de pôr aquela areia lá? Contradição faz parte.

Estou para aqui a criticar tudo e nada. Somos intolerantes, já demonstra Pedro Bandeira numa instalação sua, “*i told you so*”. Mal temos oportunidade e uma porta aberta, não hesitamos a entrar. E assim termino com uma introspecção, e autocrítica também, para tentar “equilibrar”, como já falei, este mundo de desequilíbrios. Quão ***Friendly Fire*** (20) fui? Se calhar isto não vai passar de um tiro no escuro mas, ao menos, da minha parte, que o tiro que vai, pelo menos seja incandescente e ilumine outras cabeças que por tamanha recta flutuam.

Está na hora de acordar. (1) Ou estarei eu meia adormecida e a precisar de uma boa lamparina? (21) Ah, **Delirious Portugal**. (22) Mais **radical** (23) impossível.

Notas de referência:

1. BODHI - (बोधि) é um termo pāli e sânscrito para “desperto” ou “iluminado”. É um substantivo abstracto derivado da raiz verbal budh (“acordar”, “ficar acordado”, “perceber”, “saber” ou “entender”), correspondendo aos verbos bujjhati (Pāli) e bodhati ou budhyate (Sânscrito). <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bodhi>
2. ATLAS DE PAREDE - *Eduardo Souto de Moura - Atlas de Parede, Imagens de método*, de Eduardo Souto de Moura, André Tavares, Diogo Seixas Lopes, Philip Ursprung e Pedro Bandeira.

3. COSA MENTALE - “*Nothing is Transmissible but Thought*”. This phrase ascribed to Le Corbusier has animated the work of Cosa Mentale since its foundation. Discussing and transmitting theoretical thought about architecture is, in fact, the fil rouge that links all its paper publications to the present day. — [futurearchitectureplatform.org/projects/043a8589-aa3c-4fe9-b61f-230dd60fe886](http://futurearchitectureplatform.org/projects/043a8589-aa3c-4fe9-b61f-230dd60fe886)

4. (Caso Beatrice Galilee, cenário da exposição onde foi “torturada” pela crítica).

5. CIRCO DE IDEIAS - “...editora, livraria e galeria de arquitectura. Localizada no Porto, no Bairro da Bouça, a Circo de Ideias foi fundada em 2008 enquanto associação cultural sem fins lucrativos, com o objectivo de promover a divulgação e o estudo da arquitectura.”

Direcção: Magda Seifert e Pedro Baía — [circodeideias.pt/sobre/](http://circodeideias.pt/sobre/)

6. REVISTA NU - “A revista NU é uma publicação produzida pelos estudantes do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, resultado de uma reflexão conjunta entre alunos sobre a disciplina.” — [revistanu.net/sobre/](http://revistanu.net/sobre/)

7. EM CIMA DO JOELHO - Revista feita pelos professores do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra. — [uc.pt/fetuc/darq/editorial/e\\_darq/debaixo\\_de\\_telha/joelho\\_site](http://uc.pt/fetuc/darq/editorial/e_darq/debaixo_de_telha/joelho_site)

8. CLIP STAMP FOLD - “*Clip/Stamp/Fold: The Radical Architecture of Little Magazines 196X– 197X* was based on research by Beatriz Colomina (Princeton University) into the way architects publicized their views in self-initiated magazines in the 60's/70's.” — [actar.com/product/clip-stamp-fold/](http://actar.com/product/clip-stamp-fold/)

9. ARQUIVO de Diogo Seixas Lopes - “Este livro reúne a obra escrita de Diogo Seixas Lopes (1972-2016). É um arquivo aberto que preserva a produção textual de um arquiteto convicto do imperativo ético do pensamento, da necessidade de o enunciar e do prazer em escutar as ideias de outros para estabelecer diálogos intelectuais. A compilação tem como objectivo tornar acessível um trabalho até agora disperso em vários suportes e contextos, na expectativa que a sua consulta possa estimular a reflexão crítica e dar um novo fôlego ao trabalho de descoberta e ruminação de ideias que Seixas Lopes empreendeu.” — [dafne.pt/livro/arquivo-diogo-seixas-lobes/](http://dafne.pt/livro/arquivo-diogo-seixas-lobes/)

10. COMPLEXIDADE E CONTRADIÇÃO EM ARQUITECTURA - livro de Robert Venturi onde “Venturi defende a ideia da arquitectura como elemento de comunicação e apresenta a proposta de construí-la a partir da junção de elementos complexos e contraditórios... Venturi apresenta o livro como uma “tentativa de crítica de arquitectura” e ao mesmo uma explicação dos seus trabalhos. De forma irónica, o texto inicia-se com um “suave manifesto” e ao longo da obra são apresentadas categorias de análise para a arquitectura...” — [cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbetes=315](http://cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbetes=315)

“UM (BODHI) TIRO NO ESCURO” - título irónico e provocativo por representar uma ideia de insegurança pessoal quanto ao meu exercício crítico, assim como o lado B, demonstrar o que está representado na imagem 2, através deste título tão simples num tema que é tão complexo, tão cheio, tão tudo!

11. PADLET - plataforma online usada no presente ano lectivo para partilhar ideias como um mural interactivo (método e solução usada pela nossa turma como forma de substituir os painéis físicos das paredes da escola de arquitectura onde expomos o nosso trabalho recorrentemente).

12. INSTAGRAM ACCOUNTS - ironia sobre a conta criada recentemente pelo professor Pedro Baía para guardar e fazer perdurar o trabalho realizado pelos alunos desta turma, este ano, nesta cadeira.

13. ARTECAPITAL - site/repositório de textos, arte, música, educação... — [www.artecapital.art](http://www.artecapital.art)

14. ARQUITECTURA DA CIDADE, livro de Aldo Rossi — [pt.wikipedia.org/wiki/A\\_Arquitetura\\_da\\_Cidade](http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Arquitetura_da_Cidade)

15. CIDADES INVISÍVEIS, livro de Ítalo Calvino.

16. A AUTO-ESTRADA DO SUL, conto de Júlio Cortázar.

17. PROMENADE ARCHITECTURALE - expressão usada no dialecto arquitectónico por Le Corbusier.

x. Aula com André Tavares, onde foi falado o lado B do disco de vinil e da crítica feita à Escola do Porto, sendo o lado que não se costuma ver ou mostrar. Aqui no texto retratado como o lado do artista/arquitecto que está no mundo e que cria. O outro lado da crítica.

18. EXERCÍCIO EXPERIMENTAL DA LIBERDADE, livro de Delfim Sardo.

19. BEATRICE GALILEE - *The Gopher Hole*, 2010-2012, dividiu-se em várias exposições. Destaco *About a minute*, destinada a conversas e a debates. Ocorriam de semana a semana, eram convidados amigos, artistas, arquitectos, designers e escritores. Tinham de respon-

der à ideia de que estamos a perder a capacidade de focar, porque as nossas vidas estão fartas de informações. Tinham de responder durante um minuto.” Excerto retirado do Exercício 1 de Cristina Souto.

20. FRIENDLY FIRE - “*Friendly Fire* é um colectivo de arquitectura independente interessado em narrativas e práticas subversivas e humorísticas. O objectivo é abordar a cultura arquitectónica e os seus efeitos na vida quotidiana, numa perspectiva alternativa e informal. Trabalho nos campos da edição (através da publicação da sua própria fanzine), escrita, design e curadoria. O colectivo *Friendly Fire* é composto por Alexandra Areia, Gonçalo Azevedo, Ivo Poças Martins, Matilde Seabra, Pedro Baía e Pedro Barata.” — [friendlyfire.info/index.php?/about/](http://friendlyfire.info/index.php?/about/)

21. LAMPARINA - candeeiro a óleo antigo que iluminava. Analogia a que antigamente podia haver menos, mas valorizava-se o pouco que existia. Ironia na expressão calão que brota em duas interpretações: 1) Preciso de mais luz para continuar a ver o caminho, parte do que já tracei é relevante e factual; 2) Não fui coerente no que descrevi e o exercício pode não ter sido bem conseguido ao olhar de alguns e preciso de “levar uma lamparina” (chapada).

22. DELIRIOUS PORTUGAL - *Delirious New York. A Retroactive Manifesto for Manhattan* é um livro de 1978, escrito pelo arquitecto holandês Rem Koolhaas. — [en.wikipedia.org/wiki/Delirious\\_New\\_York](http://en.wikipedia.org/wiki/Delirious_New_York)

23. RADICAL - Nomenclatura e propósito crítico especulativo e problemático da unidade curricular *Pensamento Radical na Arquitectura*.

**Presente. Passado. Futuro.  
Uma nova forma de pensar  
arquitectura**

*Margarida Lopes*

Ao longo deste semestre fui percebendo alguns aspectos e pormenores que os arquitectos estudados em cada aula têm em comum. Se tivesse de os categorizar como um todo, e num contexto arquitectónico, diria que estes estudam o que está a acontecer no momento e têm a capacidade de moldar a sua forma de pensar a arquitectura conforme as realidades da actualidade.

Cada um deles pensa “fora da caixa” e, como método criativo, não se focam só no existente, ultrapassam a barreira do impossível e colocam no nosso mundo arquitectónico novas formas de pensar a arquitectura e de projectar. Neste sentido, escolhi quatro exemplos das aulas, em que a abordagem me pareceu pertinente para defender esta análise crítica, sendo eles os Fala, os Depa, a Mariana Pestana e a Beatrice Galilee.

Gostaria de focar nesta reflexão crítica um aspecto, que tenho percebido e reflectido ao longo destes anos de estudo no curso de arquitectura. O aspecto que refiro prende-se com o facto de por vezes sermos direccionados para nos focarmos de forma exaustiva no passado e deixarmos o presente de parte. A evolução tem um pressuposto de passado, mas também o tem de presente.

A arquitectura que todos estes arquitectos praticam é marcada pela sua contemporaneidade e pela diferença frente a distintas influências, tendências e características. Esta é também caracterizada pela pluralidade, ou seja, a adapta-

ção ao meio em que está enquadrada. Não se prende ao passado, quer ser “mais e mais” (*Junkspace*, Rem Koolhaas, 2003), quer se diferenciar e ultrapassar barreiras.

Usando um exemplo relacionado com o atletismo, temos o caso de Allyson Felix, uma mulher activista que em 2019 ultrapassou o recorde do jamaicano Usain Bolt. Numa entrevista, esta falou que só foi possível atingir este feito porque a meta dela já estava delimitada, isto é, ela sabendo que existe um “limite” foi tentada a ultrapassá-lo. A natureza de cada um de nós fala mais alto que as nossas acções e é com estas premissas que a evolução acontece. O ser humano está constantemente a impor-se limites, para que mais tarde os possa romper, seja isto nas pequenas coisas do dia-a-dia, como também nas grandes metas. Este exemplo de Allyson é a explicação clara que só quando existe um passado é que pode existir um futuro, com um pressuposto de presente.

*I never want to be satisfied with losing  
and I don't feel that will ever change,  
it is who I am. I am a competitor.  
I have always been that way, and  
always will be.*

(entrevista a Allyson Felix)

Usando outro exemplo, este relacionado com o campo de estudos do pensamento radical na arquitectura. O que Beatrice Galilee tem feito no mundo da arquitectura e do design tem tido um impacto único e que definitivamente irá revolucionar a nossa perspectiva arquitectónica. Ela viu que existia uma meta traçada, numa galeria de arte onde várias pessoas se reuniam para discutir interesses



Imagem 1  
*The World Around* (2020).  
Fotografia: [theworldaround.com](http://theworldaround.com), 2020.

(*The Gopher Hole*) e com esta meta ela pensou como Allyson: “Porque não sair fora da caixa e reunir pessoas de todas as partes do mundo, num evento online?” E assim ambas ultrapassaram aquilo que os conservadores chamavam de impossível.

*We wanted to do something that would be global, that would be more responsible and impactful outside of traditional institutional frameworks.*

(entrevista a Beatrice Galilee)

A história é muito importante para o desenvolvimento da sabedoria de cada um, sendo desta que provêm as bases, mas é no que está a acontecer, no presente, que se vai desenvolver o futuro. Gostaria assim de reflectir, se será o futuro continuarmo-nos a focar exaustivamente nos princípios dos arquitectos da velha guarda ou, em comunhão com estes conceitos, percebermos o que se passa no mundo da arquitectura da actualidade. Seguir um mestre ou vários,

para os aprendizes, nem sempre significa perceber o processo projectual destas pessoas. Muitas vezes, apenas percebemos os resultados finais e tentamos reproduzir algo exaustivo que não entendemos.

*Vamos reconhecer de imediato que o nosso problema não é como ensinar história da arquitectura, teoria da arquitectura ou crítica da arquitectura, mas como ensinar arquitectura. É para isso que as escolas existem, e nós temos que descobrir como ensinar arquitectura com um método que seja menos empírico, menos impreciso do que os adoptados até agora.*

(*A História como método de ensino de arquitectura*,  
Bruno Zevi, p.3)

Começando assim por analisar o processo evolutivo, bem como as origens dos arquitectos Fala, podemos perceber que, apesar destes dois revolucionários terem sido “formatados” para uma arquitectura clássica, através de um Erasmus e de um estágio no Japão, estes puderam perceber novas realidades e que, segundo eles, “lhes abriu horizontes” que até então não tinham imaginado existir. À semelhança destes, também os Depa, na conversa que realizámos em aula, falaram de algo semelhante. Nomeadamente na falta que sentiram ao longo do curso em abordar temáticas diferentes. Por isso, decidiram criar vários projectos, ainda em contexto académico, nomeadamente em concursos, tentando saciar a “sede” deles de inovação e de novas perspectivas arquitectónicas. Assim, percebemos que ambos experienciaram um pouco do que no ano de

2021 os estudantes de arquitectura continuam a sentir.

*Para isso, optámos por procurar ver a arquitectura de uma forma menos disciplinar, desde logo através da selecção de um conjunto alargado de projectos mediáticos, que foram alvo de um amplo debate público e que tiveram um grande eco na imprensa.*

(entrevista aos Depa)

A Mariana Pestana é outro caso que considero ser um sucesso na distinção entre o passado e o futuro. Esta arquitecta fez a sua licenciatura na Universidade do Porto, à semelhança do colectivo dos Fala. Na entrevista que ela deu em aula, também referiu que na altura sentia necessidade de lhe ser apresentado, em contextos académicos, uma nova perspectiva de observar e analisar arquitectura. Talvez por este motivo, ela fez o mestrado no Central Saint Martins – University of the Arts em Londres. Esta



*Imagem 2*  
Casa na Rua do Paraíso, arquitetos FALA (2017)  
Fotografia: Ricardo Loureiro, 2017.

formação, na minha opinião, e à semelhança dos Depa e dos Fala, influenciou por completo o estilo arquitectónico que eles praticam nos dias de hoje.

Não quero pôr em causa a metodologia de ensino que nos é transmitida, pois esta é essencial para o nosso crescimento como arquitectos. Porém, questiono-me se não será altura de criar uma nova forma de pensar a arquitectura, ouvir os arquitectos do presente e admirar os do passado, para criar uma arquitectura do futuro. “O caminho faz-se caminhando” – um ditado popular que representa uma possível postura que um arquitecto pode ter, perante a arquitectura e as suas origens.

O percurso dos arquitectos, referidos neste texto e nas aulas, foi impulsionado e proporcionado pelo surgimento e criação do conceito de bienais e trienais, bem como a evolução que a arquitectura tem tido ao longo do último século. Estas exposições permitiram tornar activo o sentido especulativo e sonhador, propondo a cada ano representar os cânones numa perspectiva diferente, fora do nosso habitual quotidiano.

Concluindo, tivemos ao longo deste semestre a oportunidade de conversar com alguns arquitectos “activistas” que fazem evoluir a arquitectura radical no mundo e em Portugal. Através do estudo do seu percurso, percebemos que vão desconstruindo o papel do arquitecto na nossa sociedade. Nesta medida, isto só foi possível através do padrão que encontramos em todos eles: o desapego ao passado e o foco no presente, a tentativa exaustiva de estar sempre actualizado e a procura de novas tendências no mundo, olhando com atenção realidades e culturas diferentes.

Notas de referência:

- Imagem 1 - Disponível em: [theworldaround.com](http://theworldaround.com)
- Imagem 2 - Disponível em: [archdaily.com.br/br/891923/casa-na-rua-do-paraiso-fala-atelier](http://archdaily.com.br/br/891923/casa-na-rua-do-paraiso-fala-atelier)
- [aberrantarchitecture.com/projects/the-gopher-hole](http://aberrantarchitecture.com/projects/the-gopher-hole)
- [publico.pt/2017/08/06/culturaipsilon/noticia/uma-novissima-geracao-de-arquitectos-no-porto-1780857](http://publico.pt/2017/08/06/culturaipsilon/noticia/uma-novissima-geracao-de-arquitectos-no-porto-1780857)
- [vimeo.com/109478868](https://vimeo.com/109478868)
- [www.depa.pt](http://www.depa.pt)
- [marianapestana.com/about](http://marianapestana.com/about)
- [publico.pt/2019/08/22/culturaipsilon/noticia/arquiteta-portuguesa-mariana-pestana-vai-curadora-5-bienal-design-istambul-1884136](http://publico.pt/2019/08/22/culturaipsilon/noticia/arquiteta-portuguesa-mariana-pestana-vai-curadora-5-bienal-design-istambul-1884136)
- [publico.pt/2019/10/02/desporto/noticia/allyson-felix-recorde-bolt-1888621](http://publico.pt/2019/10/02/desporto/noticia/allyson-felix-recorde-bolt-1888621)
- [edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4853927/mod\\_resource/content/1/ZE-VI\\_T RAD.pdf](http://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4853927/mod_resource/content/1/ZE-VI_T RAD.pdf)

## **Arquitectura para inquietos: o olhar da nova geração sobre a prática arquitectónica**

*Maria Eduarda Beck*

Como cidadã, sempre busquei entender qual seria o meu dever perante a sociedade e o mundo — como estudante de arquitectura, não é diferente. Ao longo dos anos, mas mais especificamente no último ano, senti-me inquieta em relação à prática de arquitectura na qual estava inserida. Inquieta por pensar que se trata de uma prática ultrapassada, que já não corresponde directamente às nossas necessidades. Inquieta por ter percebido que, em sua maioria, a arquitectura é pensada por um grupo específico e limitado de indivíduos que pensa em si e parece não compreender a necessidade e a dificuldade do outro, do todo. Inquieta por me ver presa em uma situação na qual sinto que não tenho voz. Entretanto, no decorrer do último semestre, ao ser confrontada semanalmente com diferentes práticas arquitectónicas e múltiplos novos pontos de vista sobre a Arquitectura, descobri novas vozes — as quais nós, como estudantes, não somos apresentados ou mesmo sistematicamente encorajados a ouvir. Assim, acabei por me deparar com a inegável realidade: a arquitectura como nós a conhecemos está a morrer. Não acredito que isto seja algo negativo, pois a arquitectura é feita por arquitectos, e nós arquitectos estamos a evoluir à medida que o mundo à nossa volta também o faz. Nossos objectivos não são mais os mesmos e nem a nossa maneira de pensar e enxergar as questões sociopolíticas presentes no nosso quotidiano. Novas

práticas dentro da arquitectura mostram cada vez mais sua relevância e conquistam seu espaço, fazendo com que as práticas exercidas actualmente tenham sua aplicabilidade questionada e sigam rumo à extinção.

### **Superficialidade**

Quando me refiro às novas práticas, de maneira alguma tenciono argumentar que toda e qualquer nova prática é válida, pelo contrário. Em entrevista ao jornal espanhol *El País*, o arquitecto Moisés Puente expõe a sua inquietação no que diz respeito à superficialidade que tem sido imposta sobre a arquitectura nas últimas décadas. Ao ser questionado sobre existir na arquitectura uma “*overdose* de linguagens egocêntricas e auto-referenciais que estão se tornando cada vez mais insuportáveis”, (1) o arquitecto discute como a Academia Americana forma mais e mais arquitectos que não constroem, apenas falam cada vez mais alto sobre uma arquitectura que não faz barulho algum. Puente ainda segue por criticar a frivolidade com que são expostas as imagens de arquitectura — as redes sociais, como o *Instagram*, se tornaram um meio de expor e promover a arquitectura. Entretanto, a verdadeira imagem arquitectónica se perdeu ao longo do caminho. Os arquitectos passaram a fazer uma arquitectura instagramável, composta pela beleza e atractividade da imagem, deixando o conteúdo e significado para trás — passaram a realizar nada mais do que uma *performance*. Como estudantes e arquitectos, somos empurrados pelo algoritmo em direcção a essa espiral cheia de uma arquitectura superficial, onde ouvimos sempre as mesmas pesso-



A cidade de Londres manipulada pela arquitetura superficial das mídias sociais

as a falarem as mesmas palavras vazias — afastando-nos cada vez mais daquelas vozes que merecem serem ouvidas.

*Y así pasa el tiempo y sigue sin hablarse de nada...* (2)

### **A arquitetura e o social, político e cultural**

Apesar de Puente se referir aos praticantes desta arquitetura superficial como bienalistas, a arquitecta inglesa Beatrice Galilee rectifica o equívoco de Puente ao assim caracterizar tais arquitectos. Como curadora da 3.<sup>a</sup> edição da Trienal de Arquitectura de Lisboa, intitulada *Close, Closer*, Galilee considerou não só o estado sociopolítico em que se encontrava Portugal na altura, mas se opôs a glorificar e expor, por mais uma vez, a obra do mesmo grupo limitado de indivíduos — os tais homens, velhos, brancos, ricos e bem estabelecidos, (3) cujas vozes já foram exaustadas. Levando em consideração a crise económica que assolava Portugal em 2013, e que arrancava dos jovens arquitectos a oportunidade de trabalho e, especialmente, de construir, Galilee procurou com a

Trienal promover um novo olhar sob a prática arquitectónica — *Closer, Closer* não focava em expor o que já foi feito, mas sim o que ainda está por vir: as práticas e os arquitectos do futuro. Ao realizar a exposição, Galilee abriu caminho e deu voz a uma geração de arquitectos que já não se contenta com a arquitectura tradicionalista ensinada nas Escolas, que anseia pelo futuro e pelo ressignificado da arquitectura que hoje conhecemos.

*[Close, Closer] will explore architecture as a dialogue-driven practice integrating different disciplines and actors; a visionary practice that shapes and informs space that is social, cultural and aesthetic; space for engagement and identity; a practice of construction, as distinct from building; a method of strategy, thinking, debating and designing solutions.* (4)

Em crítica à Trienal de Galilee, Luís Tavares Pereira (*Architectural Review*) escreveu: “*The Triennale introduces practices that are looking for alternative ways to reach clients, and perhaps*

*even for architecture without clients. But if it's not for people, what's the purpose of architecture?"* (5) — revelando, através de suas palavras, o quão incompreendida por sua parte foi a exposição de Beatrice Galilee. Ao expor argumentos de viés claramente tradicionalista, o crítico parece não procurar além do que lhe é conhecido — se ousasse olhar apenas um pouco mais, não precisaria sair da comitiva de Beatrice Galilee em *Close, Closer* para encontrar práticas que provam o seu argumento inexacto.

Mariana Pestana, curadora da exposição *A Realidade e Outras Ficções*, parte da 3.<sup>a</sup> edição da Trienal de Arquitectura de Lisboa, é responsável, em conjunto com o colectivo *The Decorators*, pelo projecto *Ridley's Temporary Restaurant* (2011) — uma iniciativa de carácter temporário, realizada em conjunto com a comunidade local e fazendo uso da infraestrutura já existente do Ridley Road Market. Os *The Decorators* não possuíam um cliente específico, o projecto foi desenvolvido a partir da ideia e vontade do grupo de gerar instabilidade no conceito de um restaurante. Rompendo os papéis de produtor e con-

sumidor, cada indivíduo se torna uma peça essencial para o funcionamento do restaurante. Ao demonstrar independência económica dentro da bolha do mercado local, o projecto salientou que a arquitectura pode ser engajada social, cultural e economicamente, alterando de forma positiva o funcionamento do espaço e inquietando os nossos preceitos sobre o que pode ser a troca de capital e o acto de comprar, cozinhar e comer. É arquitectura feita por arquitectos, para a comunidade — levando em consideração suas dificuldades e necessidades.

### **Portanto,**

Observamos que estes são arquitectos que não se contentam com o que lhes foi dado como verdade, em algum momento inquietaram-se, compreenderam que cada vez mais a arquitectura tende a se afastar do seu carácter físico e tectónico, traçando seu percurso em direcção a questões sociais, políticas, culturais, económicas e ambientais. Profissionais como Beatrice Galilee e Mariana Pestana tencionam inquietar não só a mente dos estudantes e arquitectos, mas também dos cidadãos não inseridos no meio arquitectónico. Ao mostrar a relevância da arquitectura no dia-a-dia, no corriqueiro, conseguem demonstrar, na prática, como esta afecta o nosso meio político e social e como a arquitectura se trata muito mais do que apenas construir. É ao desconstruir a construção arquitectónica tradicionalista que experienciamos hoje, que se inicia um diálogo importante dentro da prática da arquitectura e, acima de tudo, em conjunto com a comunidade.

Já o arquitecto Moisés Puente expõe a verdade que por muitas vezes não con-



Ridley's Temporary Restaurant concept, The Decorators e Atelier Chan Chan, 2011

seguimos, ou nem mesmo queremos, enxergar, mas que, entretanto, é crucial para que possamos continuar a boa prática de arquitetura — baseada em teóricas fundamentadas, projectos com significado e conteúdo, não só uma estética apelativa que desvirtua nosso olhar arquitectónico sob o objecto. É preciso diminuir o volume das vozes da constelação de arquitectos estrela que dominam a mídia, que mais se autopromovem do que discutem problemáticas arquitectónicas relevantes, e escutar a voz dos novos arquitectos que têm algo original a dizer, uma nova prática para apresentar, uma maneira inusitada de solucionar os problemas impostos pela sociedade.

Acredito que a arquitetura que tem sido praticada e exposta por Galilee, Pestana e Puente em breve se tornará a principal vertente da prática arquitectónica — não se trata de deixar de construir, apenas que a construção como a conhecemos já não é o foco; não se trata de considerar o que iremos enfrentar como arquitectos, mas sim como iremos enfrentar os desafios que se colocam à nossa frente; não se trata de excluir as práticas tradicionalistas, mas de entender que podem já estar ultrapassadas e, por sua vez, cabe a nós dar espaço à nova geração de arquitectos e as práticas que trazem consigo. Cabe a nós, arquitectos, voltar a atribuir à Arquitetura o valor e a significância que esta realmente possui.

Notas de referência:

1. “La crítica de arquitectura ha dejado de hacer crítica, parece que huyen del tema”, Moisés Puente, *El País* (elpais.-com)
2. PUENTE, Moisés, *Cháchara y otras historias de arquitectura*, Madrid: Caniche Editorial, 2020, p.14.
3. “Outra coisa qualquer”, Jorge Figueira, *Público* (publico.pt).
4. *Close, Closer* launches open calls, *Domus* (domusweb.it).
5. “Austerity Architecture at the Lisbon Triennale”, Luís Tavares Pereira, *Architectural Review* (architectural-review.-com).
  - Beatrice Galilee, *Dezeen Live* (dezeen.com).
  - Na inauguração da Casa da Arquitectura, *Jornal Arquitectos* (jornalarquitectos.pt).
  - *Ridley's Temporary Restaurant - The Decorators* (the-decorators.net)
  - Trienal de Arquitectura de Lisboa, 2013 (trienaldelisboa.com)
  - Imagem 1: Fotomontagem realizada pela autora.
  - Imagem 2: Fotomontagem retirada de
  - *Ridley's Temporary Restaurant - The Decorators* (the-decorators.net)

## A sociedade Fantoche

Mariana Solé

Saí para o lado de fora, olhei e pensei crítica e radicalmente. Faço o mesmo exercício agora, com vocês, leitores. Pergunto à minha geração: Qual será a palavra que mais nos caracteriza enquanto sociedade? Como nos vemos e como será que somos vistos? Para mim, a resposta é simples, remete intuitivamente para tudo o que está ligado às tecnologias que nos sugam os pensamentos devido ao excesso de informação; ao consumo de publicidade bonita e enganosa; e o parecer, ao invés do ser. Quase como uma sociedade que vive para o espectáculo, intitulei-nos desta forma de *sociedade fantoche*.

Este tema da sociedade fantoche, e os aspectos mencionados que nos caracterizam, podem ser vistos como três problemáticas relacionadas, debatidas e analisadas ao longo da crítica e muito faladas no decorrer das aulas.

## DA TEORIA social e humanista À PRÁTICA peculiar

Há uma constante *relação entre o pensamento humano e a arquitectura*, isto é, como arquitectos, a forma como pensamos está muito relacionada com a forma como projectamos. Este vínculo é importante não só para mostrar como o espírito da sociedade pode mudar a arquitectura, mas como a arquitectura também pode mudar o espírito da sociedade, oferecendo ao espectador ensinamentos ou uma certa lição de vida. Como é o caso dos *The Decorators*, que Mariana Pestana integra, salientando a forma como nos relacionamos com o espaço e como ele se relaciona connosco. Através do questionamento da natureza dos objectos, estes devem adaptar-se não ao meio, mas a quem habita o espaço. Ou no caso de Andrés Jaque, no projecto *Plasencia Care Home*, onde trabalha e provoca este tema da interligação e *conexão pessoa/arquitectura*, através da criação de pontos de acção directa, num local onde membros do clero esta-

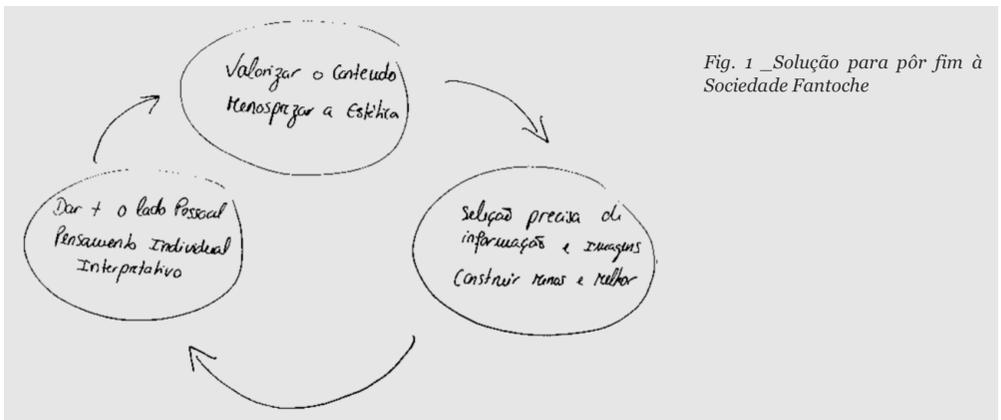


Fig. 1 \_ Solução para pôr fim à Sociedade Fantoche

vam habituados a espaços mais conservadores e ao ‘tudo fechado’.

Esta relação arquitectura/pessoa é importante, mas a relação arquitectura/arquitectura e pessoa/pessoa não pode ser deixada em branco. Joaquim Moreno traz-nos uma perspectiva pessoal bastante interessante, com o texto escrito para a *Artecapital*, “Sobre qualificação e Rebusco”, quando diz que já vivemos depois da colheita. Temos de encontrar o nosso papel, a nossa independência e individualidade no que ‘sobrou da colheita’, daquilo que deixaram — “pensarmo-nos depois da colheita, na urgência de reinventar e re-significar a terra aparentemente desolada.” Pegando neste exemplo, diria que será uma oportunidade para mostrarmos a nossa diferença, para vermos o que o outro não vê e ouvirmos o que o outro não ouve. Moreno valoriza o escutar, o descobrir, o dar oportunidade para que o outro se manifeste e exprima os seus pensamentos. Ou mesmo Beatrice Galilee, que muitas vezes incute nas suas curadorias um grupo de disciplinas distintas para que haja respostas particulares e diferentes ao mesmo tema, como é exemplo o *The Gopher Hole*, com o projecto *About a minute*, que se destinava a dar resposta e a debater o tema da capacidade de foco numa actualidade repleta de informação.

Todos nós temos uma interpretação diferente do mundo e é essa forma original de ver as coisas que deveria ser salientada, quase como teorias pessoais. Aprendemos com a novidade e não com a vulgaridade. Tal como Pedro Bandeira nos explica numa conversa de aula: “Se duas pessoas tiverem uma moeda cada uma, e as trocarmos, ficam na mesma

com uma moeda. No entanto, se forem ideias, se duas pessoas tiverem uma ideia cada uma e as trocarmos, ficam imediatamente com duas ideias cada uma.” — É este ciclo de partilha, este grito do *mostrar mais o lado interpretativo e pessoal* das coisas que é aqui considerado. Este ponto de vista é também sustentado pelos Fala, numa arquitectura mais inocente e autêntica, onde não escondem os ‘erros’ da arquitectura ou o que consideram ‘feio’. Assumem esse erro e tornam-no especial, como uma peça integrante no meio. Não descarta, antes enaltece, notabiliza e integra o que é diferente.

### **O consumo de informação rotineira — A desconstrução do Óbvio**

Pegando neste exemplo dos Fala, podemos articular outro tema debatido em aulas por diferentes pensadores — a vontade de criticar a repetição aborrecida das coisas iguais que vemos na propaganda e nos incute a fazer igual apenas porque é bonito e porque naquela imagem fica bem. Existe nos dias de hoje esta *procura constante pela estética, deixando de parte o conteúdo* — é esta luta contra a imagem publicitária, através da desconstrução de objectos, que vários pensadores decidem suscitar e provocar.

Como na exposição *Modern Masterpieces Revisited* de Luís Santiago Baptista, que vai de encontro às palavras de Beatriz Colomina, quando refere “*not so much concerned with the relationship between architecture and the media as with the possibility of thinking of architecture as media.*” Deste modo, a exposição tem como finalidade pegar

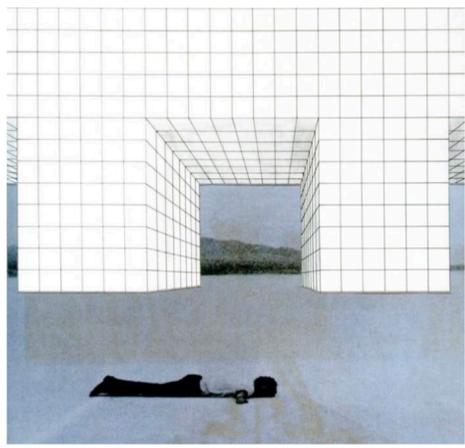
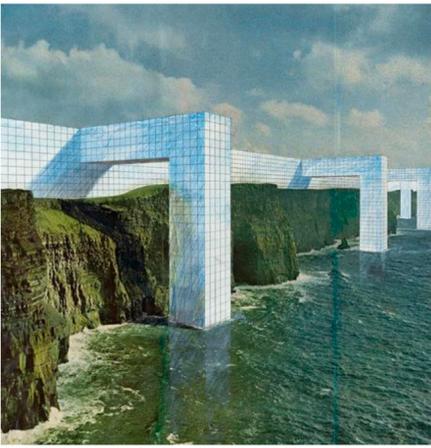


Fig. 2\_Superstudio - "Monumento Contínuo"

em objectos arquitectónicos típicos do quotidiano e atribuir-lhes uma nova vida singular, um cenário radical que tomam esses objectos icónicos como instrumento. Ou o caso de Andrés Jaque, que critica o moderno dos objectos banais do catálogo do IKEA que toda a gente tem igual. Jaque pega e desconstrói o seu uso evidente, *transforma o genérico em algo mais pessoal e individual*, onde o próprio espaço vulgar, sem conteúdo para ser debatido, passa a ser local de discussão e comentários. Até podemos relacionar com o projecto *Run Run Run*, que traz para o centro da cidade o conforto da domesticidade de casa, do chuveiro às sapatilhas que encontramos em pleno restaurante. É esta releitura de significados e propostas com identidade própria que é posta em prática.

Guilherme Wisnik traz-nos uma ideia diferente, mas dentro do mesmo debate. Refere-se à sociedade como estando “cegos de tanto ver as coisas”, no livro *Dentro do Nevoeiro*. Critica as questões políticas e sociais na forma como temos acesso à informação. Este mundo que ilude e engana, na forma

como achamos que temos liberdade para tudo mas que, no fundo, somos constantemente controlados e manipulados por imagens e informações que não sabemos ao certo o que é verdade ou mentira. Ou seja, esta incerteza do mundo é representada por Wisnik através da metáfora da sociedade como o nevoeiro — confusos, duvidosos e sem percepção da realidade, quase como se estivéssemos sempre nas ‘nuvens’.

É por esta excessividade de informação, que nos deixa “cegos de ver as coisas”, que Moisés Puente opta por uma *selecção precisa de imagens*, não priorizando a estética mas sim o conteúdo. Acredita que acima da quantidade está a qualidade. Não só daquilo que se vê e lê, mas de tudo ao redor. E é assim que dou mote à terceira problemática levantada durante as aulas.

### **Quantidade vs Qualidade?**

A meu ver, é uma pergunta que ganharia por unanimidade caso fosse questionada a todos os participantes das aulas. O maior desafio dos nossos dias, e para dias futuros, será esta permuta que parece tão simples, mas que faria toda a

diferença — a procura do *menos é mais ao invés do mais é mais*. Chega de encher papéis sem conteúdo. Chega de cansar a vista com imagens sem significado. Estamos cansados do excesso, que acaba não só por nos prejudicar a nós, como o mundo em que vivemos. E é que aqui que entram os críticos com uma arquitectura de conteúdo. André Tavares traz-nos um exemplo no projecto *Architecture Follows Fish | A Lisbon Cod Map Workshop*, referindo que “se quisermos continuar a respirar a brisa salgada do oceano, precisamos de *construir menos e melhor*.” Ou Moisés Puen-te, com as suas publicações literárias, da abordagem do mundo digital e do impacto que trazem as redes sociais no consumo, ostenta uma reflexão, quase um abrir de olhos a novos caminhos. Ou até mesmo o caso dos Fala, que preferem comunicar através da imagem. Uma simples imagem forte, que diz muito, comunica por si. Só com o olhar percebemos o conteúdo. É isso que se procura nos dias de hoje, a fácil e objectiva comunicação, compreensão e por fim a reflexão da sua relevância para a sociedade.

Em suma, a sociedade que eu intitulei de ‘fantoche’, para que deixe de o ser, antes de mais, tem de passar por um trabalho pessoal a nível psicológico, o saber ouvir para saber aquilo que defendemos, aquilo que acreditamos e aquilo que nos identificamos, para mais tarde fazer o trabalho individual de pensamento crítico e de expressão interpretativa de um tema. O saber ver com olhos de ver e não cair na tentação da imagem apelativa, não acreditar ou glorificar a estética e passar a dar mais valor ao conteúdo. E, por último, para que tudo

isso aconteça, é preciso cortar na informação desnecessária. Da *overdose* à síntese. Da quantidade à qualidade. Do *mais é mais* ao *menos é mais*.

#### Referências:

- [archdaily.com/30276/casa-sacerdotal-diocesana-de-plasencia-andres-jaque-arquitectos](http://archdaily.com/30276/casa-sacerdotal-diocesana-de-plasencia-andres-jaque-arquitectos)
- [note.org.pt/Modern-Masterpieces-Revisited-Luis-Santiago-Baptista-18-02-31-03-2016](http://note.org.pt/Modern-Masterpieces-Revisited-Luis-Santiago-Baptista-18-02-31-03-2016)
- [domusweb.it/en/architecture/2012/10/03/ikea-disobedients-at-moma-ps1.html](http://domusweb.it/en/architecture/2012/10/03/ikea-disobedients-at-moma-ps1.html)
- [arquinfad.org/premisfad/es/edicones-antiores/?edicio/2020/obra/11034/](http://arquinfad.org/premisfad/es/edicones-antiores/?edicio/2020/obra/11034/)
- [ara.ad/misc/publicar-llibres-arquitectura-boom-construccio\\_1\\_3274813.html](http://ara.ad/misc/publicar-llibres-arquitectura-boom-construccio_1_3274813.html)
- [youtube.com/watch?v=t10oDNiyJk](https://youtube.com/watch?v=t10oDNiyJk)
- [artecapital.art/arq\\_des-92-sobre-qualificacao-e-rebusco](http://artecapital.art/arq_des-92-sobre-qualificacao-e-rebusco)
- Notas das aulas de obrigatória e seminário do 4.º ano.
- Figura 2: Superstudio - *Monumento Contínuo* — “Se o design é apenas um incentivo ao consumo, então devemos rejeitar o design ... se a arquitectura e o planeamento urbano são meramente a formalização das actuais divisões sociais injustas, então devemos rejeitar o planeamento urbano e suas cidades... Até então, o design deve desaparecer. Podemos viver sem arquitectura.” — Natalini. — Um pensamento radical e “anti-arquitectónico”, mas no fundo uma crítica à globalização homogénea. Traz a brancura. A paz sem imagens. O respirar do excesso de informação.

## Quem quer ser radical

Mariana Almeida

No fim da década de noventa aparece um concurso que permite a pessoas de diferentes *backgrounds* testarem a sua cultura a fim de ganharem um grande prémio monetário. A partir do século XXI, aparece o concurso que testa a radicalidade do pensamento na arquitectura, que passa para a vida quotidiana, e quem ganhar leva reconhecimento e admiração. E tanto se pode falar do concurso metafórico vivido no dia-a-dia, como da concorrência e pressão dos concursos ocasionais a que os arquitectos se submetem.

É claro que já antes existiam grandes pensadores e que ainda hoje usamos como referência a forma como eles ariscavam a sua palavra, como através de reuniões secretas e encontros planeados, discutiam sobre o que era preciso transformar e o que fazer por isso, internacional e nacionalmente, da Suíça até Macão. São séculos de necessidade de mudança e de vontade de ser radical, de se afastar do que é normal ou tradicional.

Mas e se não for intencional? É justo considerar uma acção radical? Segundo Andrés Jaque, podemos dizer que sim. Na sua percepção, qualquer linha desenhada ou construída é um acto político e, por isso, por muito inconsciente que pareça, não o é. Este representa a sua radicalidade no expor, no sair dos limites das palavras e fazer aquilo que toda a gente acredita que o arquitecto faz — construir. Segundo Luís Santiago Baptista, a resposta não seria tão directa, nem tão curta, sendo que para o crítico “o concurso é, por natureza, um processo problemático”. (1)

Analizam-se os concorrentes, quem tem mais ou menos projectos, quem já foi a mais ou menos bienais, quem tem as melhores ou piores críticas. Aí chegamos a um ponto sensível — a opinião, a palavra que vem de cima, aquela que “se tivesse a mesma importância hoje em dia, muitas boas carreiras não teriam continuidade” (2) — e pomos em causa a qualidade de trabalhos de profissionais que admiramos devido a convicções de outros profissionais que também seguimos. Como olhar para o resultado da curadoria de Beatrice Galilee na Trienal de Lisboa de 2013 e reconhecer a sua qualidade na procura de olhar mais perto a arquitectura e gerar discussão saudável disso mesmo, e de seguida ler a crítica rígida de Jorge Figueira para o *Público* (3) e encontrar dúvidas naquilo que pouco tempo minutos antes eram certezas? “Está-se mesmo a ver no que isto dá”: uma escritora e curadora que define a arquitectura como lugar de conversa e encontro, e que assenta a sua radicalidade no debate.

Encontram-se termos de comparação, como o estilo, os temas abordados,





ou a necessidade de ultrapassar uma crise. Depa e Fala, dois escritórios da mesma nacionalidade e geração, dois grupos de jovens ousados no arriscar e na ingenuidade, respectivamente. Na forma de pensar e trabalhar, vemos os arquitectos formados em Coimbra a radicalizarem na inovação e apresentarem os seus pensamentos, mesmo quando ainda estudavam, pela revista *NU*, e mais tarde nas suas obras, como por exemplo o Museu Municipal de Pinhel (2013). Projecto que podemos, neste labirinto de comparações, contrapor com o *Reading Between The Lines* (2011) dos artistas Gijs Van Vaerenbergh, pela imagem obtida e pela intenção artística, dando um valor quase performativo ao material e à sua forma de serem radicais. Por outro lado, vemos o lado visualmente forte da matéria no reportório dos arquitectos portugueses de

formação. Casas e projectos que, tal como quando se olha para uma ilustração, nos dão vontade de entrar nelas, mas deixam-nos receosos de lhes tocar e causar estragos. Uma radicalidade naïf que tomam como mais-valia e não como fardo.

Da mesma forma que Joaquim Moreno toma o humor como aliado e não como embaraço. Este que em 2001 começa *in situ* e em 2012 quer “levar a ideia a dar um passeio.” (4) Que, tal como Moisés Punte, tem uma certa preocupação com os novos meios de promover a arquitectura. O arquitecto português tenta combater essa irrequietação, trazendo formas de apresentação antigas a programas e temas actuais em *The university is now on air* (2017), assinalando a sua radicalidade na ironia. Enquanto o editor espanhol, que se radicaliza na opinião, se mantém

fiel à sua opinião, apesar de editar Andrés Jaque, um arquitecto muito visual naquilo que constrói, e sem problema em fazer da plataforma *Instagram* uma aliada. Duas formas diferentes de trazer o passado ao presente. Ainda que Beatriz Colomina traga uma nova problemática, dizendo estar “not so much with the relationship between architecture and the media as with the possibility of thinking of architecture as media.” (5)

Discutem-se as narrativas, as melhores histórias ao redor de um concorrente ou de uma intervenção. Por vezes reais, por vezes inventadas, ou, quando falamos de Mariana Pestana, as duas. Na sua radicalidade ficcional, consegue ter os pés bem assentes na terra quando se fala de problemas sociais, com o lema de que “contexto é metade do trabalho”, consegue, como curadora e escritora, fazer da pessoa o elemento principal de todas as acções arquitectónicas ou culturais, mantendo a prática espacial da ficção construída. Enquanto Guilherme Wisnik, seguindo o mesmo ideal antropológico, mantém uma prática mais concreta, usando comparações directas e numa escala maior, impondo a sua radicalidade no urbano. Este consegue, em *Dentro do Nevoeiro* (2018), através da realidade que conhece, formalizar uma falha reconhecível a nível internacional, uma falha gerada através do indivíduo: a falsa liberdade, pois “a crítica não deve ser confundida com opinião.” (6) Da curadora que diz “*fail, fail better*” ao arquitecto que expressa como estamos a falhar enquanto sociedade. O que só torna mais actual *A Mensagem* de Fernando Pessoa: “Tudo é

disperso, nada é inteiro. / Ó Portugal, hoje és nevoeiro...” (7)

Deliberam-se os pontos fortes e fracos. E, por vezes, o que se espera são palavras de consolo, o típico “bom trabalho”. Ainda assim, diz Luís Santiago Baptista, radical na crítica, que “o respeito que existe por um trabalho desenvolvido ao longo de muito tempo é justamente o de lhe endereçar novas questões críticas.” (8) E é isso que faz também André Tavares, através da sua editora e da sua forma de ver arquitectura como conhecimento. Este diz admirar a confiança dos novos arquitectos e, de outra perspectiva, é possível admirar a sua radicalidade nas palavras. Dois modos de analisar a *forma da forma*, desta vez não da arquitectura directamente, mas sim da escrita.

Por fim, chega-se ao momento de tensão, qual a resposta final, qual o projecto final? Perceber o que é capaz de captar a atenção e interesse de todos, não só dos que estão envolvidos no conteúdo, mas daqueles que apenas ouvem falar, daqueles que tudo lhes passa ao lado. No meu ponto de vista, esse continua a ser o prémio maior, conseguir com que a arquitectura não seja apenas para os arquitectos, que os assuntos abordados por esta forma de arte não sejam falados apenas para os artistas. Porque “os arquitectos sempre fizeram muitas coisas” (8) mas, fora da escola de arquitectura, mais alguém sabe disso? Isso significa que continuam a ser radicais como os grandes pensadores que estudamos, ou o valor imobiliário interfere mais do que o valor social? Tendo isto em conta, continuamos à espera de saber quem ganha o concurso.

Notas das referências:

1. Luís Santiago Baptista sobre a exposição *ARX arquivo/arquive*.
2. Moisés Puente.
3. “Outra coisa qualquer”, Jorge Figueira, *Público*, 2013 — [publico.pt/2013/11/28/culturaipilon/critica/outra-coisa-qualquer-1658591](http://publico.pt/2013/11/28/culturaipilon/critica/outra-coisa-qualquer-1658591)
4. Joaquim Moreno, “Inimigo”, CPAM, 2012 — [cpam2012.blogspot.com](http://cpam2012.blogspot.com)
5. Beatriz Colomina — [note.org.pt/Modern-Masterpieces-Revisited-Luis-Santiago-Baptista-18-02-31-03-2016](http://note.org.pt/Modern-Masterpieces-Revisited-Luis-Santiago-Baptista-18-02-31-03-2016)
6. Ana Luisa Nobre, *Vitruvius*.
7. [teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-03072012-142241/publico/tese\\_completa\\_revisada\\_Wisnik.pdf](http://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-03072012-142241/publico/tese_completa_revisada_Wisnik.pdf)
8. [arquitecturahoje.pt/luis-baptista.php](http://arquitecturahoje.pt/luis-baptista.php)

## A pluralidade da arquitectura

Rita Alves

A pluralidade da arquitectura é um facto cada vez mais presente que nos transporta para além do construído e da forma, afirmando-se convictamente como arte.

*O radical é o que desloca a raiz,  
a radicalidade que interessa é a  
que é não normativa*

(Joaquim Moreno, sessão 6)

Incitando um pensamento radical na arquitectura, tal como o nome da unidade curricular assim o sugere, realizaram-se 10 sessões de exposição, debate e discussão de práticas contemporâneas que abrangem os diversos campos da arquitectura expondo, desta forma, as problemáticas enfrentadas pelos arquitectos, bem como a sua pluralidade de acção e de combate de diversas frentes.

A arquitectura surge, habitualmente, como prática construtiva de acção e materialização do espaço. No entanto, é quando nos deparamos com estas 14 personalidades que entendemos que esta “prática” vai para além do convencional e se apresenta como algo híbrido. Deste modo, considero que existem três tipos de prática arquitectónica: arquitectura como prática, arquitectura como prática teórica e arquitectura como prática crítica. No entanto, Joaquim Moreno, durante a sessão de discussão, englobou todas estas práticas numa só palavra — *cultural*.

*A arquitectura é uma prática cultural e os arquitectos têm a responsabilidade de transformar o mundo.*

(Joaquim Moreno, sessão 6)

Esta é talvez a frase que melhor caracteriza as 10 sessões de debate e discussão acerca de uma prática cultural, seja ela construída (Depa Architects), ilustrada (Fala Atelier), personificada (Mariana Pestana), escrita (André Tavares), teorizada (Joaquim Moreno) ou até mesmo incerta (Guilherme Wisnik), tendo a capacidade de “transformar o mundo”, tal como refere o arquitecto.

Na verdade, toda a arte transforma o mundo a partir do momento em que esta tem impacto na sociedade, em que interfere com as relações sociais, sendo que esta abrange os mais variados campos de actuação arquitectónica, como a crítica, a curadoria, a edição, a investigação e o projecto.

É principalmente no trabalho apresentado e discutido de Mariana Pestana e Beatrice Galilee que conseguimos materializar “a responsabilidade de transformar o mundo” através de uma abordagem sócio-cultural que envolve múltiplas áreas como a ciência, a psicologia, entre outros.

As suas intervenções e curadorias centram-se em temáticas actuais, onde com recurso a outras práticas se visiona uma nova abordagem, questionando as ideias pré-estabelecidas e expandindo os horizontes projectuais, personificando e politizando diversas temáticas. É através da desconstrução e reinvenção da prática arquitectónica que estas procuram impor-se sobre a sociedade e “transformar o mundo”.

*Temos que ser capazes de reinventar a nossa prática, o nosso propósito, com base no progresso.*

(Joaquim Moreno, sessão 6)

A pluralidade surge no ramo da arquitectura, tal como refere Joaquim Moreno, na necessidade de evolução e inovação por parte dos arquitectos, de reinventar a prática arquitectónica, distanciando-se do canónico. Talvez a melhor explicação para esta necessidade seja também a sua envolvente, pois as sociedades são também plurais, diferentes, múltiplas e o mundo está em constante mudança. A arquitectura como prática, teoria e crítica, mas sobretudo como cultura, tem necessidade de ser “lugar de experimentação e subtilmente também de conflito” (Joaquim Moreno acerca da revista *InSi(s)tu*), mas também de investigação, desconstrução, incerteza, e expressão.

Em Portugal, o processo de reinvenção da função do arquitecto é claro no auge da crise económica, pois muitos foram os arquitectos que se tiveram de reinventar de modo a conseguirem “sobreviver” no país, tendo sido levados para a crítica, manifestos e até para questões político-sociais, experimentando múltiplas questões de carácter arquitectónico, que muitas vezes suscitavam a discussão e o debate.

Muitas vezes, esta multiplicidade de práticas e rapidez de adaptação às diversas realidades, leva-nos a identificar certas personalidades como “fenómenos”, tal como Moisés Puente apelida o escritório de arquitectos Fala Atelier. Esta rapidez de informação e adaptação, mas também de linguagem e comunicação é o que caracteriza este escritório de

arquitectura, que facilmente se adapta a questões culturais, geográficas e económicas, praticando uma arquitectura de fácil leitura e arriscando-me a apelidar como internacional.

Adoptando uma prática plural, os Fala posicionam-se entre a prática construtiva e a prática crítica das exposições e bienais que reflectem uma necessidade pelo construído, bem como pela liberdade de expressão e experimentação.

Com uma linguagem mais pura e assertiva, os Depa Architects são definidos por um sentido construtivo e gravitacional que é transversal em todos os seus projectos, mas que também eles embarcam numa reinterpretação da prática arquitectónica e se estreiam no presente ano no âmbito da curadoria.

*As bienais transformaram-se num local onde a prática e a disciplina se juntam e proporcionam o debate e a reflexão.*

(Joaquim Moreno, sessão 6)

*A cidade e o território, como construções colectivas, são a primeira arena de conflito, entendido enquanto acção de forças de sentidos opostos que se traduz em dissenso. Esta condição, implícita à pluralidade do espaço democrático, dá forma à produção da arquitectura.*

(In Conflict)

A resposta dos Depa Architects à Bienal de Arquitectura de Veneza não podia abordar de melhor forma a pluralidade anteriormente falada, sendo o próprio título sugestivo de debates e confrontos na procura de “transformar o mundo”.

*A arquitectura, enquanto transformação do mundo, não pode ser negativa.*

(Joaquim Moreno, sessão 6)

Numa junção entre “a prática e a disciplina”, estes não esquecem o sentido construtivo mas antes o reinterpretem como prática social aberta a “debate e a reflexão”, incitando o **conflito**.

Estará a pluralidade no **conflito**? Ou será o **conflito** gerador da pluralidade da arquitectura?

Numa panóplia de ensaios e práticas, será a arquitectura um **conflito**?

Numa pluralidade de práticas, formas, conceitos, pensamentos, visões, linguagens, interpretações, políticas e incertezas, afinal **quais são os limites da arquitectura?** Numa reinterpretação do enunciado arquitectónico, **até onde podemos inovar afirmando que se trata de arquitectura?**

O mundo está em constante mudança, as políticas ambientais são cada vez mais fortes e importantes, tendo a arquitectura não só impacto social, nas

comunidades, mas também ao nível global, sendo esta essencial para o combate às alterações climáticas.

O futuro do mundo pertence à arquitectura, à forma como desenhamos e vivemos os espaços, da forma como colocamos o problema e incitamos o **conflito**, o debate, o confronto, mas também como despertamos o pensamento radical e reinventamos a prática “com base no progresso”.

*Falta de clareza e definição podem assumir sinais tanto negativos quanto positivos no mundo actual.*

(Guilherme Wisnik)

No entanto,

*Abrir o campo é maravilhoso mas, para fazer arquitectura, é preciso cerrar.*

(Moisés Puente, sessão 10)



#### Bibliografia:

- Programa *Afinidades*, entrevista a Joaquim Moreno — [rtp.pt/play/p2823/e257997/afinidades](http://rtp.pt/play/p2823/e257997/afinidades)
- Guilherme Wisnik, *Dentro do Nevoeiro* — [ubueditora.com.br/dentro-do-nevoeiro.html](http://ubueditora.com.br/dentro-do-nevoeiro.html)
- Texto de Luís Santiago Baptista no *Jornal Arquitectos*, “Enfrentar o medo de existir” — [jornalarquitectos.pt/pt/jornal/j-a-256/enfrentar-o-medo-de-existir](http://jornalarquitectos.pt/pt/jornal/j-a-256/enfrentar-o-medo-de-existir)
- *In Conflict*, Depa Architects — [www.inconflict.pt](http://www.inconflict.pt)
- Texto de Anny Sismanoglu sobre Guilherme Wisnik, “Wisnik: políticas e incertezas no mundo contemporâneo”.
- Texto de Mafalda Pereira sobre Joaquim Moreno, “Joaquim Moreno: Da revista InSi(s)tu ao projecto “University on Air””.
- Texto de Mariana Almeida sobre Andrés Jaque, “Desconstrução Niebla”.
- Referências das sessões retiradas dos apontamentos pessoais da unidade curricular.

## Antes Mil Palavras do que um Jpg. Vasco Mendes

A concretização arquitectónica é, hoje em dia, uma instância de uma grande variedade de frentes que, gradualmente, se afixam ao longo da era antropocêntrica. A formalização de uma obra arquitectónica é exequível de inúmeras maneiras de representação, tantas como as variáveis que a condiciona de ser realizada, assim permanecem no seu “lado B”.

O foco assim se torna mais amplo, as sacadas visuais terão de ser mais rítmicas, os “desenhadores problemáticos”, que ilustram para representar, desvanecem sobre a incapacidade de traduzir a sua visão periférica, reduzem a abertura. Deprimindo o contra plano, porque o seu obturador foi saturado por tanta claridade, a mensagem não passa pela frente da objectividade, difundindo-se na ala de coordenação do diafragma (corpo de câmara). Entendemos tanto do mecanismo fotográfico como da composição da fotografia em si. No entanto, vivemos numa era em que mil palavras começam a substituir uma imagem.

A desfocagem é um processo de excessiva pressão no consumo visual. “Não há mais nada para ver”, dizia Moisés Puente, quando se punha a questão da representação, gradualmente em sentido do *Des yeux qui voient pas* de Le Corbusier. Não que tenhamos perdido a capacidade de o fazer, mas qual será o limite da nitidez crítica de cada observador?

“Mostrar projectos em Veneza é um bocadinho como levar areia para a

praia” — assim o intuito da bienal de trabalhar em um projecto de experiência do que de uma exposição. A procura baseou-se na arquitectura para o lado de fora do edificado. Visto ao espelho, resulta pela representação do lado de fora, usando a distância do observador do espelho para perceber a “exterioridade da representação portuguesa” (Joaquim Moreno).

Porém, o que hoje é praia fora outra rua — “*sous les pavées, la plage*”, o popular aforismo do Maio de 68. Onde o observador descodifica as camadas que envolveram o processo temporal, Joaquim Moreno, citado anteriormente, precursor da ideia de continuidade no campo teórico e prático, leva a pedra portuguesa calcinada na interpretação da heterotopia — um espelho.

Este espelho reflecte a bienal de arquitectura em Veneza de 2008, que por si reflecte, directamente, a participação dos arquitectos e filósofos portugueses. Quando Joaquim remete às características reflectoras do espelho, confessa uma “paradoxal transparência”, aludindo à história da reprodutibilidade industrial daquele material.

O processo de construção ideológico é então um registo que atravessa o espectro do campo da arquitectura como o extravasa, assim buscando soluções em outras frentes, integrando no campo arquitectónico o que é o reflexo dos dias de hoje. Acredito que, como Moisés Puente refere, a subversão da imagem está de tal modo desfocada que se torna abstracta e construída sobre a sedução visual dos seus observadores.

Em sintonia com o que foi referido anteriormente, o corpo textual assume em si a capacidade de se tornar imagéti-

ACÇÃO.ACÇÃO POLÍTICA POLÍTICA ACÇÃO.ACÇÃO POLÍTICA POLÍTICA ACÇÃO.ACÇÃO POLÍ  
POLÍTICA POLÍTICA ACÇÃO.ACÇÃO POLÍTICA POLÍTICA ACÇÃO.ACÇÃO POLÍTICA POLÍTICA  
ÍTICA ACÇÃO.ACÇÃO POLÍTICA POLÍTICA ACÇÃO.ACÇÃO POLÍTICA POLÍTICA ACÇÃO.ACÇÃO  
CÇÃO POLÍTICA POLÍTICA ACÇÃO.ACÇÃO POLÍTICA POLÍTICA ACÇÃO.ACÇÃO POLÍTICA POL  
O TRANSFORMADOR.ACÇÃO POLÍTICA POLÍTICA ACÇÃO.ACÇÃO POLÍTICA POLÍTICA ACÇÃO.A  
UNITÁRIA DE IDEOLOGIA TRABALHADORA NA ORGANIZAÇÃO MATERIAL POLÍTICA É ELEMENT  
IDEOLÓGICA POR ACÇÃO CULTURAL.O CENTRO COMUNITÁRIO TRABALHADOR DE CULTURA COM  
FORMANDO O MODO DE PRODUÇÃO CONSUMO ALIMENTAR VESTIR HABITAR DEFESA POR ACÇÃO  
NALIDADE(MODO DE SER)A CULTURA(MODO DE VIDA)DO INDIVÍDUO E DO COLECTIVO;TRANS  
PRÁTICOS.PRÁTICO TEÓRICOS TEÓRICO PRÁTICOS QUE NO SEU CONJUNTO FORMAM A PERSO  
SENSORIALMENTE EM PARTÍCULAS OU ELEMENTOS POLÍTICOS PRÁTICO TEÓRICOS TEÓRICO  
TRABALHO DE POLÍTICA MATERIAL.POLÍTICA MATERIAL ORGANIZAÇÃO DO MEIO ABSORVIDO  
OMUNITÁRIO.A CONSTRUÇÃO DE UM MEIO COMUNITÁRIO NÃO É POSSÍVEL SEM UM PROFUNDO  
ÍTICA MATERIAL A CONSTRUÇÃO DA CULTURA COMUNITÁRIA.A CONSTRUÇÃO DE UM LUGAR C  
A E COMUNITÁRIO QUE NOS PERMITAM ENCRETAR COMO FRENTE DE TRABALHO PARA UMA POL  
NIZAÇÃO REVOLUCIONÁRIA.ORGANIZAÇÃO DO MEIO VIVIDO EM DOIS ESTÁDIOS:CAPITALIST  
VIDA.EDIFICAÇÃO MATERIAL.DECLARAR A ORGANIZAÇÃO MATERIAL COMUNITÁRIA COMO ORGA  
ÃO QUE CONSISTE NA DESCAPITALIZAÇÃO DO OBJECTO NA DESCAPITALIZAÇÃO DO MODO DE  
LÓGICOS EM VALORES MATERIAIS CULTURAIS,CONSTRUINDO O MOVIMENTO DE TRANSFORMAÇ  
ATERIAIS CULTURAIS EM VALORES MATERIAIS IDEOLÓGICOS.OS VALORES MATERIAIS IDEO  
OLECTIVO.A ARTE TRABALHADORA É COLECTIVA É CIENTÍFICA.TRANSFORMA OS VALORES M  
SE FORÇOSAMENTE DENTRO DO GRUPO DO TERRITÓRIO COMUNITÁRIO QUE RESPONDA A UM C  
É TRABALHADORA.TRABALHA O CAMPO MATERIAL.O OBJECTO CONSTRUÍDO DEVERÁ INSERIR-  
ÃO DO OBJECTO É TRABALHADORA.POR TAL A ARTE QUE SERVE A CONSTRUÇÃO DO OBJECTO  
ICO PRÁTICO QUE É POSSÍVEL TRABALHAR.POR TAL A IDEOLOGIA QUE SERVE A CONSTRUÇ  
NDE É O PORTO POR EXEMPLO.TAL CULTURA É UM TODO MATERIAL PRÁTICO TEÓRICO.TEOR  
DOURO LITORAL,SE É QUE O LUGAR ONDE NASCEU SE ALIMENTA VESTE HABITA E SE DEFE  
UI CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS,UMA CULTURA PRÓPRIA,DENOMINADA CULTURA POPULAR DO  
E TERRITORIAL.O SEU LUGAR,LUGAR ONDE NASCE,ALIMENTA VESTE HABITA DEFENDE POSS  
RES DE TRANSFORMAÇÃO COMUNITÁRIA.O HOMEM É CULTURALMENTE COMUNITÁRIO POR GERM  
UMA APROPRIAÇÃO COMUNITÁRIA É NECESSÁRIO QUE O OBJECTO CONSTRUÍDO POSSUA VALO  
TO-TRANSFORMAREMOS A SUA APROPRIAÇÃO.PARA QUE O OBJECTO CONSTRUÍDO TRANSPORTE  
MBOLOS.O OBJECTO CONSTRUÍDO É APROPRIADO PELOS SENTIDOS-TRANSFORMEMOS O OBJEC  
SEU VALOR EM VALOR MATERIAL COMUNITÁRIO.A ARTE TRABALHADORA TRABALHA SOBRE SI  
A USA A DECOMPOSIÇÃO TEÓRICO PRÁTICA PRÁTICO TEÓRICA DA ARTE TRANSFORMANDO O  
O EM ELEMENTOS POLÍTICOS TEÓRICO PRÁTICOS PRÁTICO TEÓRICOS.A ARTE TRABALHADOR  
LIBERTAÇÃO.PLANIFICAÇÃO MATERIAL.O CAMPO ARTE TEM UM VALOR MATERIAL DECOMPOST  
VESTIR HABITAR E DE DEFESA SÃO MEIOS DE LIBERTAÇÃO DO TRABALHO E DO TRABALHO  
STOS DE TRABALHO UNIDADES PRODUTIVAS E DE CONSUMO LIGADAS A UM MODO ALIMENTAR  
AR VESTIR HABITAR DEFESA CAMPO CULTURAL,PRÁTICO TEÓRICO TEÓRICO PRÁTICO.OS PO  
OR REFLEXÃO CRÍTICA DA SUA TEORIA CONSTRÓI A PRÁTICA,PRODUÇÃO CONSUMO ALIMENT  
CAMPO IDEOLÓGICO TEÓRICO PRÁTICO.PRÁTICO TEÓRICO.A POLÍTICA ACÇÃO DO CENTRO P  
ÇÃO POLÍTICA DO CENTRO POR REFLEXÃO CRÍTICA DA SUA PRÁTICA CONSTRÓI A TEORIA.  
RABALHO CULTURAL TRABALHO IDEOLÓGICO.TRABALHO IDEOLÓGICO TRABALHO CULTURAL)AC  
TAR(ASSOCIAÇÃO)COMO ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO-É LOCAL DE TRABALHO COMUNITÁRIO(T  
CENTRO COMUNITÁRIO TRABALHADOR-COMO ORGANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO É LOCAL DE HABI

ca, como menciona o arquitecto André Tavares na entrevista de Cláudia Marques Santos sobre a sua obra, *If you walk the galaxies*, 2016: “Como os arquitectos (...) usavam o livro para comunicar (a tal comunicação através da imagem), mas também para organizar e para sistematizar as ideias do projecto e da arquitectura”, adicionando “é preciso sair do projecto, para se conseguir pensar sobre o que se está a fazer”.

Colocamos fora da escala para prever todas as frentes, ver um texto, ler uma imagem.

A repetição imagética impulsiona a forma com que visualizamos as imagens. No projecto *A Forma da Forma*, André Tavares e Diogo Seixas Lopes convocam inúmeros arquitectos para uma conversa, debatendo temas como autorias e limites da forma. O repensar, enquanto arquitectos, e a sua prática, remetem ao

seu modo de pensar, incidindo de que forma poderemos representar a forma. André Tavares, em Obrigatória 1C, remete o seu método de pensar para a sua maneira de ensino, sucintamente, olhar, observar e, apenas depois, reflectir sobre a composição que leva a imagem se relacionar com o texto, ou, de o próprio texto servir de si o campo de atracção visual.

Temas como topografia tipográfica dos textos são pensamentos que adquirirão relevo sobre as palavras, mesmo que as não leiamos. A reflexão crítica, que posteriormente é representada pelas palavras, escreve o nosso discurso, como as colagens de imagens traduzem a ideologia arquitectónica submersa em detalhes.

Por certo que colagens não traduziram fielmente a complexidade de um projecto de arquitetura, mas “falamos mais alto” que os pormenores construtivos. Este é um dos exemplos que, na tese de licenciatura de Marjory Ribeiro Bertoldo, apresenta os arquitectos Fala em fusão com a forma de ilustrar uma obra, aprofundando no capítulo *Colagens* e subcapítulo *A semelhança como lógica de representação*. Os Fala são a perfeita combinação entre a composição fictícia e a ambiência que se cria através da sua maneira de representação. A descodificação imagética ultrapassa a superficialidade atribuída a um espaço “pictoricamente” desenhado.

Ao colocarmo-nos no lugar do observador, percebemos o que é visto, pois será aquilo que futuramente representaremos, e assim entramos no paradigma do que será reflectido por cada um dos observadores. Certamente que o desenho, muitas das vezes que o realizare-

mos, será usado como produto para o vínculo comercial.

A arquitectura é obrigada a servir questões de outra ordem, como é o exemplo da exposição *Eco-Visionários: arte e arquitectura após o Antropoceno*, no MAAT, em 2018, por parte de curadoria da arquitecta Mariana Pestana. Os temas da exposição são fruto de um pensamento radical que, hiperbolicamente, anuncia uma visão negativa a um futuro ambiental inseguro, sensibilizando os seus observadores. O Antropoceno trouxe uma generalização problemática, que só de forma irónica é que se consegue dar a ver ao observador o prefixo à hiper-realidade, ao hiper-objecto, que dá escala momentânea para ser impactante.

A ecologia é uma realidade que teremos que enfrentar e debater, se realmente exercemos a prática arquitectónica, como o livro de Reyner Banham, 100% biodegradável, *Los Angeles: The four Ecologies*. Banham entende que Los Angeles é a cidade mais criticada. Na edição do ano de 2000, Anthony Vidler realiza um prefácio onde colecta, até a data de republicação, críticas e pensamentos de Los Angeles, defendendo o crítico com as ideologias que partilham — o que leva o crítico de arquitectura usar uma cidade de consumo e vícios para perceber que se situa num ponto com grande edificado inerente à estrutura viária. Enquanto não sairmos do paradigma de que é a viga que sustenta o tabuleiro das vias, também ela é elemento arquitectónico, assim como uma banca de cachorros. Portanto, entenderemos a continuidade da cidade num todo.

Na sua tese de mestrado, Maria Carreira explora Santo André com o título

de *Cidade Nova de Santo André, Uma Utopia Urbana na Primavera Marcelista*, abordando Sines e a sua indústria portuária. Centrando-se na cidade em estudo e no processo de questionamento e de ponderações por parte dos arquitetos, questiona Francisco Silva Dias numa entrevista.

— *Sendo caso único em Portugal, qual pensa ser a razão para Santo André não ser mais conhecido?*

— *Não sei, sinceramente não sei, mas isto talvez seja geracional das pessoas que fizeram Santo André. Neste momento, o vedetismo tomou conta da arquitectura. Hoje, interessa mais publicar um artigo numa revista, ou ganhar um prémio, do que fazer arquitectura. Não havia muito esse espírito, nós estávamos ali para construir uma cidade e não para recolher louros. (...) Para isso, penso que também contribuiu o facto de o Gabinete ter sido extinto.*

O utópico tem obtido cada vez mais credibilidade, que apenas à distância de mais de mil palavras conseguimos dar resposta à equidistância entre o material e o imaterial, entre o que recebe o valor tipográfico e o que perde valor demográfico.

#### Referências:

- BERTOLDO, Marjory Ribeiro, *A ideia arquitectónica representada através de imagens: sobre o uso de renderizações e colagens na apresentação da atmosfera da arquitectura*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2019.
- Texto de Maria Eduarda Beck sobre André Tavares, “André Tavares: da Dafne Editora ao projecto «Fishing Architecture»”.
- Imagem de Edgar Castro, 1978, in BANDEIRA, Pedro, FARIA, Nuno (eds), *Escola do Porto: Lado B 1968- 1978 (Uma História Oral)*, 2014.

## O que está por baixo

Ludovica Bulgari

*A cidade e o território, como construções colectivas, são a primeira arena de conflito, entendido enquanto acção de forças de sentidos opostos que se traduz em dissenso. Esta condição, implícita à pluralidade do espaço democrático, dá forma à produção da arquitectura.*

This is how the description of *In Conflict* opens the theme of the Portuguese pavilion at the Venice Biennale 2021, which opened on 22 May. This is how the curators of the pavilion, the Depa Architects, address a generational need.

How did the world of architecture arrive at such an unsustainable rhythm? How did it manage to conform, in this case also through the world of competitions, to the constant desire to gobble up and swallow things? What is architecture today and what role do architects play? Where should we start again?

With *In Conflict*, the Depa Architects seek to overcome the inertia that characterises the historical time in which we live and which is now overwhelming us, making us reflect on the political value of architectural design, underlining how architecture is an artistic, public, political and ethical discipline and how architects must also take on the role of actors and no longer spectators at this time.

It is now more urgent than ever to understand not only the physical but also the social dimensions of the architectural world. This is what I really think is missing in architecture nowa-

days: understand the time we are living in. In this case, I would like to quote Mies van der Rohe: “*Architecture is always the will of an era translated into space, nothing else.*” And that is what I think architects should do.

And we must paying attention to interpret this sentence, because I am not sure that Mies meant to put trees on a building and sell it for 12.500 e 16.500 euro per sq.m to make it sustainable and to ‘solves the needs of our times’.

We must rather take into account the basement of the Barcelona pavilion that Andrés Jaque talks about, that set of social relations, of existing tissues, of everyday life, of reality, of the different disciplines that make architecture a collective construction. It is from below that we must start again. From the bottom, like Andrés Jaque's basement, from the bottom, like the lower town (cidade baixa) where the Greek agora was located: the element of the constitution of urban space. The agora is the highest expression of the public sphere in Greek urban planning, it is the public space par excellence of the culture and politics of Greek social life, it is the centre of democracy, of public debate, the centre of life, of everyday life.



It is from the people, from the debate, from the conflict, from what is urgent today that we must start again. It is from the “*context which is half the work*” of Mariana Pestana, that we must start again, through the deep listening, deep that goes into the bottom of things, that goes down once again. It is in those moments that architecture is made.

More and more often, we are witnessing architecture being used as a tool for urban transformation, for the profit of investors and contributing to the increase of social differences. Architectural spaces are erased, buildings and neighbourhoods are demolished, as if you were using an eraser on a piece of paper to ‘requalify the neighbourhood’, to ‘put an end to problems’. To me personally it seems like a shortcut. A refusal to get to the bottom of things, a refusal to understand the social dynamics in general and what is hidden behind the problems.

An example is the case of *Bairro do Aleixo* where the demolition of the neighbourhood seemed to be the best way to put an end to the problems of traffic and drug use in that neighbourhood. The end of the demolition of the towers that represented the neighbourhood took place in 2019. The problems of drug dealing and consumption are still present.

It is partly true that architecture influences social dynamics, and can be the bearer of problems if it is not well thought out. Jane Jacobs gives many interesting examples in *The Death and Life of Great American Cities* in which she shows that even banal architectural objects such as the size of a pavement have a real and strong impact on the

reality and dynamics of the neighbourhood and the city.

But to what extent? Can architecture really be the bearer of problems that disappear through its demolition?

Lacaton and Vassal have been working for years on alternative solutions to the option of demolishing large ensembles. The best known example of which is the rehabilitation of the Bois-le-Prêtre tower, or more recently with Transformation de 530 logements, bâtiments G, H, I, quartier du Grand Parc in which the addition of a simple prefabricated reinforced concrete platform has considerably improved the psycho-physical life of the building's inhabitants as well as preventing their demolition. And it is when you understand the needs of the inhabitants, of the people, and translate them into architectural spaces that you make architecture.

It is no coincidence that they won this year's Pritzker Prize: “*The work of Anne Lacaton and Jean-Philippe Vassal reflects architecture's democratic spirit*”. Perhaps something is changing.

But can architecture be the solution to social problems if it is well thought out, if it also takes into account the other half, i.e. the banalities of the small dystopias and contradictions of everyday life? And what I wonder is: can opening up to other disciplines, taking so many factors into account, become a dispersive and perhaps even pointless task? What is the limit of the field of action that architecture has? This I strongly think is an unresolved and intrinsic problem in architecture.

By its very nature, architecture is concrete and clashes with reality, which is why, as Moisés Puente says: “...pero

*para construir tenemos que cerrar.”*  
Architecture imposes closure because it is built, you can open up many fields of investigation, but then it has to become concrete. It is the Vitruvian *firmitas*. It is its *raison d'être*.

And I wonder about the value of Vitruvian *firmitas* today, of the concretisation of architecture in a world where in 2020 the artificial mass has exceeded the biomass of the planet. And I think about the historical moment we are living in. We are in the midst of a pandemic of which we are the very authors because it is caused by the enormous pressure we have generated on the environment with our settlements. And, we architects, by creating the spaces that people live in, are now more involved than ever in the main causes of the environmental crisis.

Today we are called upon to respond to the challenge of the historical time in which we live. And I find the words of André Tavares in *Letter to a young architect* extremely perfect, beautiful and topical:

*Technology might help to shape a better future, but endless growth certainly not. Knowledge is what we need. We have to conquer some power if we want to create a different society.*

*Architecture is just a small part – the built counterpart – of a larger movement. If we are to continue breathing the salty breeze from the ocean, we need to build less, and better. We need to create stronger institutions for a happier life.*

*That's why your confidence is so precious: to reach beyond the common notion of what architecture is all about. And to do so without forgetting what we have built, for we do not want to lose what it took so long to conquer.*

These words I think fully represent a possible solution for how we should now approach our profession. The pandemic that has been holding us back for over a year should be seen as an opportunity.

The crisis as an opportunity. This is also found in architecture. Very often a constraint or a problem that we have and that is imposed on the architect becomes the matrix of the project. It is an opportunity to rethink architecture and ask ourselves how we can move

André Tavares  
Rua do Boticário, 299  
4090-146 Porto - Portugal  
andrea@dalao.pt  
+351 918 675 112

Dear,

I admire your confidence.

These last few days, I have been by the sea, enjoying the waves, the salt spray and the ocean breeze.

It is amazing how the ravages of the elements can wash away so many architectural societies.

You agree with me that architecture is all about construction. Hence, we need to build, that's our *raison d'être*.

He less, there's no doubt that we are building terribly. Even the most accomplished architectural constructions tend to be sad.

They are the pale reflection of a society without any commitment to a palpable future.

That's why we need your confidence.

We have to reset some assumptions.

I have been considering that most of our assumptions are not, in fact, architectural. Already in the XVIII<sup>th</sup> century there was a sublime fascination with infrastructures, construction and progress.

Despite all the violence, hunger, misery, wars of bombs, our societies have clearly moved on and we find ourselves in a better world than before.

Technology might help to shape a better future, but endless growth certainly not. Knowledge is what we need.

We have to conquer some power if we want to create a different society.

Architecture is just a small part – the built counterpart – of a larger movement. If we are to continue breathing the salty breeze from the Ocean, we need to build less, and better. We need to create stronger institutions for a happier life.

That's why your confidence is so precious: to reach beyond the common notion of what architecture is all about. And to do so without forgetting what we have built, for we do not want to lose what it took so long to conquer.

Go for it. My best wishes, A.T.

27-1-20

forward and what role the architect will play in tomorrow's world.

What is certain is that we have run out of time and it is time to act. We have to be actors and no longer spectators. We must act and take responsibility and rethink architecture today. Open the field of action bearing in mind the closure, the limit of architecture: that of being *construída*.

#### References:

- Depa Architects lecture on 2021.03.11, Aula 03.
- Website of the Portuguese representation at the Venice Architecture Biennale 2021, [www.inconflict.pt](http://www.inconflict.pt)
- Ludwig Mies van der Rohe, *Bürohaus*, in "G", giugno 1923, n. 1, s.i.p. Trad. italiana in F. Neumeyer, *Mies van der Rohe. Le architetture, gli scritti*, Milano, 1996, pp.257-258 (edizione originale, Berlin, 1986).
- Mariana Pestana lecture on 2021.03.25, Aula 05.
- "Aleixo Sempre", Mariana Pestana and Paulo Moreira, in *Jornal Arquitectos*, [jornalarquitectos.pt/aleixo-sempre](http://jornalarquitectos.pt/aleixo-sempre)
- Jane Jacobs, *The death and life of great American cities*, New York: Vintage Books, 1992.
- Andrés Jaque, *Mies y la gata Niebla. Ensayos sobre arquitectura y cosmopolítica*, Barcelona: Puente editores, 2019.
- Moisés Puente lecture on 2021.5.20, Aula 12.
- André Tavares, *Letter to a young architect*, [architectural-review.com/essays/letters-to-a-young-architect/andre-tavares-letter-to-a-young-architect](http://architectural-review.com/essays/letters-to-a-young-architect/andre-tavares-letter-to-a-young-architect)

## Society of Image and Architecture

*Mathilde Lefebvre*

Today, images and their dissemination have a very important role in society. Indeed, an image can be interpreted differently depending on its context and the person looking at it. The image is the first means of communication, accessible by all via advertising, social networks, media,... it allows to spread information more quickly, having more impact than a text for example. In my opinion, this rapid dissemination brings a certain negativity to society. In a world where everything has to go fast, it is indeed faster to broadcast impactful images, where we can be sure that society will stop on this image but what is dangerous is the interpretation that everyone has of this image and its context. This will create debates, often disagreements, because we no longer take the time to read the captions, to decipher and try to understand the true meaning of what we see. This diffusion of images is also very present in the world of architecture in various forms:

— Indeed, it makes the profession accessible to clients: they will find it easier to project themselves into the space through sketches, collages, realistic renderings, etc.

— The diffusion of architectural images allows to sell a property, a house through advertising

— During competitions, realistic renderings allow to determine which agency is the most “powerful” and “rich”. But they can be confusing during the reception of a building site.

— The photos in catalogues help to publicise an agency and its world, as well as new architecture that stands out for its originality.

— Artistic photos of buildings, which will demonstrate a particular atmosphere present on the site, a political idea, or the contrasts (political and social) that an architecture can denounce or provoke.

At a time when life is becoming faster and faster, when images are more and more controversial, debated and looked at, some architects are trying, by their own means, to modify this vision of society by trying to bring architecture closer to the citizens. With the help of the architects studied in the course *Pensamento Radical na Arquitectura*, in the framework of the architecture workshop *Manifestos e Utopias*, I will focus on the relationship that an architect can have with the diffusion of architectural images. These images are created with different approaches and styles, but they want to speak, provoke and criticize the same point of view of architecture. They want to give back to architecture its artistic, social side and also try to respond to an optimistic future.

The architectural profession has undergone a great evolution thanks to the emergence of digital technology. With this evolution, promotional images and 3D visualization proliferate in agencies and competitions. Today, with increasingly powerful software, 3D renderings are more and more realistic. For my part, I would like to say that this type of 3D rendering, as attractive as it is, can be dangerous. Indeed, a hyper-realistic rendering is a more or less utopian vision: that is to say that on a build-



*Example of image and reality in Fala Atelier.*

*The image is very representative of the reality but she is not hyper realistic. Permit to the client to imagined the space.*

ding site, everything does not always go as planned, and the reception of the building site can be different from the image given before the beginning of the work. This can lead to some complications with the client who will not understand why the building in reality is not the same as on the image that the architect showed him in order to validate the project. Moreover, even if the building is in conformity with the image, the green environment will only be present in twenty years time when all the planted trees will have matured.

To sum up, an image is something fixed, which cannot be modified, whereas architecture, as well as landscape and urban planning, are projects which will be modified by time, which will have matured later than at the time of recep-

tion (for landscape planning more precisely). The hyper-realistic renderings used in architecture are therefore for me not very relevant because they do not take time into account.

Fala Atelier is an architectural firm that for me has been very successful in taking into account the effect of time and the changes that can be made as the project progresses. Indeed, they propose so-called naïve illustrations. These illustrations have several advantages: they allow the client to project himself, but as they do not give a hyper-realistic idea of the project, the client can let his imagination run free to complete this vision. These illustrations are not totally naïve: they are composed of textures that are as close as possible to the final textures, thus making the image more real. More-



*Modern masterpiece #8 Le Corbusier, Unité d'habitation, Marseille France 1946-52, collage by Luís Santiago Baptista*

*Here L.S Baptista create a new utopia about the modern life and now, how can we change the building to answer to the demand of the inhabitants ?*

over, the client, even if he is not necessarily used to architecture and this type of image, can see very well that it is a more or less fictitious representation. Architects can therefore talk about space and materiality rather than about an insignificant detail that the client does not like in a realistic rendering. Thanks to this type of representation, Fala Atelier gives back a place to architectural drawing which, with the appearance of architectural software, was beginning to disappear from the profession.

Luís Santiago Baptista, architect, architecture critic, art curator and publisher, sees the use of the image in architecture in a completely different way than Fala Atelier. He uses the image and the collage to create a critique of modern architecture, which has become obsolete due to changes in life, death and society. While Fala Atelier allows the client to imagine his future in an individual way, Luís Santiago Baptista tries to give a new meaning to modern

architecture, and exposes it to the criticism and the gaze of society. The utopia of modernity has become unstable and improbable. Through an exhibition called *Modern Masterpieces Revisited*, Luís Santiago Baptista will revisit major architectural pieces of the modern era through the use of collages. These visuals are a critique of modernity, which had the capacity to bring a revolutionary vision to discern the state of things in time until its absolute end. Today these architectures no longer fulfil their initial functions. With these collages, Luís Santiago Baptista has created a critique, but also for each collage, a utopian meaning, an optimistic vision of what these architectures could become. He reinvents them, questions them and thus tries to answer the question of the place of architecture in the future, the use of old buildings for a completely different purpose than the one initially planned. These images, which only include Luís Santiago Baptista's point of view, allow

us to create an opinion on the place of architecture in time and its evolution. Should we create new contexts for these architectures? Are they improbable today? Is architecture in this case a discipline that could be transformed into a medium to show and demonstrate the evolution of society?

The use of images allows a better understanding of space and architecture in general. These representations make it possible to create debates and discussions. While today the use of images allows for a quicker reading of current events, they can also be harmful to society, which wants to read the image too quickly, it does not take the time to really understand it and stops on a hasty first reading. Here, Fala Atelier, Luís Santiago Baptista and Beatrice Galilee create images, platforms to take the time to talk about the image. This will raise discussions, debates that will allow a better understanding of the image. Moreover, architecture will seem more accessible to society thanks to this understanding.

Beatrice Galilee, editor, curator, writer and architecture critic, encourages this practice of debate, as well as the accessibility of architecture for society. Indeed, between 2010 and 2012, she will create an exhibition *The Gopher Hole*, which allows ideas and criticism on architecture and its future through discussions and debates. *The Gopher Hole* is a two-year project to create architectural, artistic, philosophical utopia. A concept in order to see and perhaps recreate a new process of creating architecture through time, criticism and image. Beatrice Galilee then set up an online platform, accessible to all, called *The*

*World Around*. This platform, set up with the covid-19 panel, allows anyone who wants to learn about architecture to find stories, debates and discussions on the different ways of creating architecture and thus shaping everyday life in the 21st century. For me, this platform is a kind of extension of *The Gopher Hole* but this time where the discussions and debates can also be heard by people outside the design community. It's a way of continuing to think about utopia(s) for a more optimistic world. If we were to answer the questions that Luís Santiago Baptista raises in his images of modern utopia, Beatrice Galilee, through her platform *The World Around*, gives a new meaning to architecture, which here becomes a medium. Indeed, these debates on architecture make it possible to elevate the discipline to the place it had during the years 1900-1980, that is a political, social, creative, contextual place and an accompaniment in everyday life. Even if this is transmitted through images, we can see here that this mode of communication is quite relevant in the current context. Moreover, the images used here are informative, educational and not for the purpose of promotion or pretension.

I could say that Moisés Puente (architect, editor) is one of those critical architects who knows how to question the meaning of the word architectural criticism, but who also demonstrates that the unhealthy society of pretension and *visibility for all* in which we live cannot help the discipline of architecture to revalue itself. In fact, in his book *Cháchara*, published in 2021, Mr. Puente denounces this media-driven society in everyday life. Today, to be known, an

architect or an agency must be present at biennials, triennials, post images on social networks to prove where he/she is, have articles in magazines, with beautiful neutral photos, and a promotional text about the intentions and desires of the client but in no way critical, talking about space and ideas on how to live.

*Architecture is the society technologically represented.* With this sentence, Andrés Jaque sums up the architecture of the 21st century, which has seen architecture become little by little insipid, false, always the same. With this mania to always want to go faster and faster, the buildings are taken out of their historical, landscape and urban context. They all look the same, they all have the same simple shapes in order to make the construction easier and faster.

The architects seen in the course of *Pensamento Radical na Arquitectura* all have one thing in common, which is the criticism of this neutral architecture. They demand a return to participatory, social architecture, where the point of order is to take the time to understand the demand, the client, to talk with people, to create debates on what architecture should be. The best way to claim this right is to disseminate images, to create media platforms, to make exhibitions (biennials, triennials) in order to capture the gaze and attention of society on these changes which, in my opinion, must be realised, taken into account from the political point of view but also by other architects. The image is today the best way to draw attention to a problem, to create debate and discussion and then solve the problem. And the architects seen in class throughout this semester have understood this principle

of mediatization of architecture in a good way of using. Despite the conditioning that the media imposes, architects can develop a constructive criticism that I hope can create a more optimistic future.

#### References:

- Andrés Jaque, *Mies y la gata Niebla. Ensayos sobre arquitectura y cosmopolítica*, Barcelona: Puente editores, 2019.
- Moisés Puente, *Cháchara y otras historias de arquitectura*, Madrid: Caniche Editorial, 2021.
- Website *The World Around*, [theworldaround.com](http://theworldaround.com)
- Website *The Gopher Hole*, [aberrantarchitecture.com/projects/the-gopher-hole](http://aberrantarchitecture.com/projects/the-gopher-hole)
- Website of Beatrice Galilee, [beatricegalilee.com/about/](http://beatricegalilee.com/about/)
- Website for *Modern Masterpieces Revisited*, [mascontext.com/issues/18-improbable-summer-13/modern-masterpieces-revisited/](http://mascontext.com/issues/18-improbable-summer-13/modern-masterpieces-revisited/)
- [note.org.pt/Modern-Masterpieces-Revisited-Luis-Santiago-Baptista-18-02-31-03-2016](http://note.org.pt/Modern-Masterpieces-Revisited-Luis-Santiago-Baptista-18-02-31-03-2016)
- Interview with Fala atelier, [newgenerationsweb.com/insights/housing-clients-and-images-an-interview-with-fala/](http://newgenerationsweb.com/insights/housing-clients-and-images-an-interview-with-fala/)
- [metropolismag.com/architecture/architecture-enters-age-post-digital-drawing/pic/22586/](http://metropolismag.com/architecture/architecture-enters-age-post-digital-drawing/pic/22586/)
- [falaatelier.com/](http://falaatelier.com/)

## **A Teoria por Detrás da Prática (a falta de coragem para acrescentar um ponto ao conto)**

*Carolina Matos*

O título é por si uma provocação ao tema, uma análise ao ecossistema desenvolvido entre a teoria e a prática através da perspectiva de uma aluna, com base em conversas com os convidados que nos embelezaram com a sua *presença virtual*, naquilo que é a construção do *eu* profissional.

História da Arquitectura I e Teoria da Arquitectura I; História da Arquitectura II; Teoria da Arquitectura II; História da Arquitectura III; Teoria da Arquitectura III. Tudo cadeiras feitas para nos dar poder de crítica e sabedoria sobre os acontecimentos que marcaram a nossa área até ao momento. Se funciona bem? Não, *é uma seca!* Claro que, reflectindo agora, são cadeiras fundamentais no *making of* de um arquitecto. No entanto, a quantidade e velocidade de informação que nos é despejada nesses primeiros três anos de curso é desequilibrada. Todos vamos com a inocente ideia de que vamos começar logo a construir casas e a fazer projectos bonitos, mas e a explicação do porquê do projecto? Sim, temos de escrever memórias descritivas antes de cada avaliação para que possam entender o que pretendemos comunicar, mas infelizmente nem todos têm bases para o fazer. Eu própria sentia dificuldades a criticar um projecto sem tocar no “a entrada de luz está desajustada ao local” ou “o projeto é bonito” ou o “não sei mais o que dizer”. A cadeira de Crítica na Arquitectura não devia ser apenas uma escolha opcional

no quinto ano do curso. Devia ser obrigatória e desde cedo, desde o primeiro ano para conseguirmos desenvolver o pensamento crítico útil.

Crítica, Curadoria, Edição, Investigação, Programação, Projecto — seis áreas ou tempos de actuação abordados ao longo das aulas de Pensamento Radical na Arquitectura que nos fazem reflectir sobre o que pode ramificar da área mãe. A força e a perspectiva inocente de um estudante de arquitectura e a importância do que lhe vai acontecer.

A velha história da Escola do Porto ainda conseguir prevalecer e estar na génese do ensino em Portugal (pelo menos nas escolas do Norte) é algo que me inquieta. Sim, é uma das correntes mais influentes da arquitectura contemporânea no nosso país. Mas por que razão não se muda o exercício anualmente? Os alunos mudam anualmente. E os terrenos que, de dois em dois anos, são os mesmos? Porquê só projectos de pequena escala e de habitação em formato micro-ondas? Por que não aeroportos, estádios, arranha-céus, estações ou hospitais? Não teremos nós capacidades para isso?

*É importante haver um ser cínico a dar o corpo às balas, para que os restantes da fila possam ser, de facto, inocentes.* É importante reformar alguns dos modos que nos são apresentados. Filipe Magalhães, do atelier Fala, é professor no ISCTE e brinca com os exercícios e muda a maneira que os seus alunos procedem, desde trocar projectos entre autores, a pedir fachadas para taparem edifícios recém-nascidos, a fazer o oposto, deixar apenas a fachada e construir o que está para trás ou até mesmo projectar uma casa num cubo



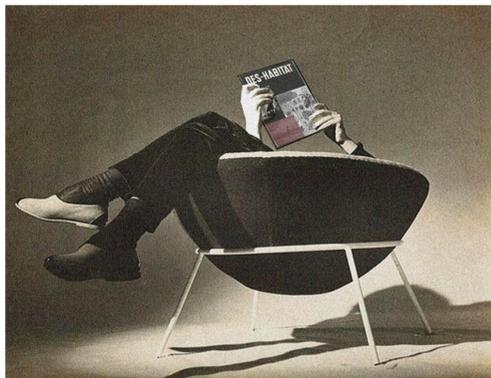
**Figura 1.** Projeto 097, fala.atelier (Instagram).

sem terreno, onde a janela pode ou não estar virada para algo. Em tom de brincadeira, confessou-nos ainda que houve uma escola de arquitectura de Londres que foi visitar a FAUP e que ficaram escandalizados por os projectos do ano serem todos iguais, o *copy-paste* do purismo moderno, onde a fotocopiadora é a mesma e o discurso muito assertivo.

Os próprios Fala surgem um pouco de uma forma inesperada e introduzem uma série de elementos que são desvalorizados (ou que até à época o eram). Comunicam através de colagens digitais, do que o próprio discurso visual de uma imagem traz, que para eles é eficaz porque nos dá uma antecipação da experiência espacial. O próprio André Tavares, outro dos convidados, afirmou que “não é com fotomontagens no Photoshop que comunicamos com os engenheiros e empreiteiros”. E ele tem razão, mas é assim que se comunica com o público que não tem o conhecimento na área. Assim como é falado no texto “A Linha Clara”, do *Jornal Architectos*, a arquitectura actual é uma arquitectura de

*likes* e partilhas, que é bonita visualmente, mas muitas vezes vazia em conteúdo.

Mariana Pestana, à frente da curadoria da 5.<sup>a</sup> Bienal de Design de Istambul, quando questionada sobre o que a levou a seguir as ramificações da arquitectura pura e dura, simplesmente respondeu que se “*sentia um pouco desenquadrada do contexto da faculdade, do que estava a acontecer, é verdade. Ou seja, eu gostei dos projectos, gostei muito de fazer a faculdade de arquitectura, mas é verdade que eu sentia um certo desajuste com o tipo e a escalas dos projectos e mesmo alguma dificuldade. E quando eu fiz o estágio, ainda dentro da faculdade, fiz com um arquitecto que só tinha feito uma obra. Eu gostava tanto daquela obra e queria muito trabalhar com ele. Era o Rui Mendes. Mas ele não tinha trabalho suficiente para mim. Então fiz metade com ele e uma parte com o Pedro Gadanho que, na altura, era uma pessoa que estava a fazer design expositivo. Ele hoje em dia é curador, foi director do MAAT em Lisboa, mas na altura ele fazia mais design de exposições. Ou seja, fazia construções temporárias. Tinha sido meu professor, meu orientador da tese e ofereceu-me esse primeiro trabalho, na Turim Capital Europeia da Cultura. Eu já tinha essa vontade de fugir à arquitectura, mas no final eu sou 100% arquitecta. Agora, se calhar, não me enquadro na arquitectura construída que é aquela a que nós somos mais expostos na faculdade. (...) Eu interessome por muitas coisas, assumo muitos assuntos e, quando posso fazer projectos mais híbridos, faço.*”



**Figura 2.** *Des-Habitat*, revista de Arte e Design brasileira editada por Lina Bo -Bardi nos anos 50 (ArchDaily).

Moisés Puente, último convidado e também crítico de arquitectura, ousa mesmo dizer que o discurso crítico utilizado nos dias de hoje é vazio, onde se utiliza a escrita como uma ferramenta literária, que supostamente deveria ser fácil para quem escreve sobre arquitectura, mas que não o é, pois nem todos o conseguem fazer. Voltamos de novo ao tema em que os livros são trocados pelas redes sociais, o sítio onde o rápido consumo de conteúdo dá lugar a uma arquitectura de rápido consumo, que trabalha grandes conceitos e imagens elaboradas, ao contrário daquilo que é o espaço vivido e experienciado. A crítica funciona de maneira semelhante, o interesse em explorar um texto de crítica é cada vez mais fraco e longos textos dão lugar a pequenos excertos onde a tentativa de criticar é quase inexistente e os próprios autores comentam sobre o objecto arquitectónico. As revistas de arquitectura, por exemplo, procuram vender, no entanto, cada vez geram menos críticas. Na maioria dos casos, são enfadonhas e repetitivas, onde existe uma tentativa de fuga aos assuntos que realmente importam, porque ninguém mais fala em teoria da arquitectura.

Acabo este trabalho com uma foto ensaiada da revista *Des-Habitat*, onde ler sobre arquitectura nos levava ao visionamento imaginário do projecto.

#### Referências bibliográficas:

- Apontamentos das aulas de Obrigatória 2C.
- Website de Mariana Pestana, [marianapestana.com](http://marianapestana.com)
- Diogo Seixas Lopes e Joaquim Moreno, “A Linha Clara”, *Jornal Arquitectos*, Julho de 2014, [arquivo2.jornalarquitectos.pt/a-linha-clara/](http://arquivo2.jornalarquitectos.pt/a-linha-clara/)
- Torrijos, P. (14 de Novembro de 2020). *El País*, [elpais.com/icon-design/arquitectura/2020-11-14/mois-es-puente-la-critica-de-arquitectura-ha-dejado-de-hacer-critica-parece-que-est-an-huyendo-del-tema.html](http://elpais.com/icon-design/arquitectura/2020-11-14/mois-es-puente-la-critica-de-arquitectura-ha-dejado-de-hacer-critica-parece-que-est-an-huyendo-del-tema.html)

## **An outsider's perspective on Portuguese Architectural philosophy**

*Lama Abboud*

How would someone who does not know Portugal or speak Portuguese read Portuguese architecture? And what is architecture anyway?

Seems like a straightforward question, or at least the dictionary thinks it is. As understood by the general public, architecture is the art and practice of designing buildings. Perhaps that is a simplistic view, as every architect knows that buildings are far from the only thing we design, but this conception holds true for most people. It even held true for myself for most of my life as an architecture student as I studied architecture in my home country of Syria. However, coming to Europe on a scholarship gave me a unique perspective into this question, how it ought to be approached, and whether there is, or ever will be, a “right” answer. How my conception of this rather important question was changed is what I will try to convey in this essay.

First, I believe that it would be appropriate for me to summarize my previous experience in my home country of Syria. Syria is a country of contradictions, as despite being officially a socialist

nation; our society has always been rather conservative in its views and conceptions. Architecture therefore has always been a mix of the modernist functional architecture that was wide spread in socialist nations around the world in the 20th century, and the classical Levantine/Mediterranean architecture that has served the region well for thousands of years and might even seem familiar if you have ever been to the south of Portugal or Andalusia in Spain. However, both of these very different architectural traditions do have one thing in common, whether it be efficiency, functionality and cost-effectiveness for modernism, or comfort, beauty and privacy for traditional Syrian architecture, that common element is a clear and obvious purpose. They are both over-arching structures, both literally and conceptually speaking, that are there to dominate a Syrian person's experience of space, and thereafter their conception of their world.

Coming to Europe, this was my mindset. Architecture is a rigid system that tries to come up with different creative approaches to reach the same goals. This worldview was shaken when I was introduced to Portuguese architecture, its theories and philosophy. You see the buildings themselves weren't very different if I'm being honest. Just like back home there was a diversity of architectural styles and approaches, although in Portugal it was less rigidly dualistic in nature. What was really different and interesting was how architecture is read, understood and analyzed. For example, Guilherme Wisnik stated in an interview that *“to architect something is to engender, build a speech, build something*





*that stops, whether concrete or not. Architecture is a principle of organizing things.”*

In that same interview, Ana Luiza Nobre stated that Architecture “*is the invention of the human life environment.*” This post-structuralism approach to viewing architecture opened my eyes to seeing what architecture could be, rather than what it is and always has been. When talking about residential architecture, Edward Hollis says: “*Home is less attached to bricks and mortar, cushions and curtains, than to a sense that we deserve to belong in our surroundings, to shape them, to change them and in doing do dwell in them.*” For European architects, especially contemporary ones, architecture is more about the experience of a building rather than its efficiency or functionality. This is even more apparent in the work of Andrés Jaque’s work which focuses on the definition of the *Architectural instrument*, a concept that goes beyond the constructed building and looks at the spatial and social aspects of the project before the form. What fuel Andrés Jaque’s investigates are the banalities, the small dystopias and contradictions of everyday life: ‘*el cotidiano*’. This is what I think the architects of today and of the future must do: take the everyday life into account in the architectural design because, as Jaque repeats several times in his book, architecture is “*a relational*

*practice, a practice that always operates on existing tiles, social tiles of which they form part*”, so it must be considered.

This brings us to understanding architecture as a sociological phenomenon, which is another novel way of analyzing our art form and understanding it. “*The house is among the first concepts shared by society and architecture*”, states André Tavares, asserting the relationship between society and architecture. This brought back memories of my teachers in Syria accidentally stumbling upon this form of analysis when explaining the social and religious reasons for Syrian traditional architecture being the way it is, how an emphasis on privacy and inner yards and patios was created by society, religion and history. I saw a similar phenomenon in André Tavares’ work on codfish and its effect on the urban design of Portuguese cities.

Moving on from the sociology of architecture, I found that many Portuguese architects saw architecture as more of an expression of individualism. A self-identifying art form that one engages in as a part of the nature of being an architect. For example, Fernando Guerra says in an article that “*In order to understand a space, architects, possibly with a more conscious intentionality than mere users, walk about the buildings. They capture the spatiality of*

architecture by wandering, scrutinizing, and associating ideas, shapes, and dimensions. It is through this movement that they discover the infinite variables of the architectural space, the singularities that distinguish a significant place from the myriad of insignificant constructions that invade our visual field.”

This interpretation of architecture as a lived experience was extremely intriguing as when you think about it. It's not very often that architecture is viewed as a site plan or a bird's eye view perspective shot. Architecture is a lived experience that is made to induce a feeling in the hearts of its users. A tree being lit by a small warm skylight in the interior will go a long way in making your architecture pleasant, much more than a curvy looking façade or wall decorated with expensive Italian marble, although those do have their time in place. Guerra goes on to say that “*Architects are excited by architecture: both from the past as well as from modern, by the quality and originality of the space, with the geometric reason it seems to contain. They want to preserve this excitement. They want (or imagine they want) to be able to look at a piece of reality later, mentally recomposing this reality. They want to copy and transport that excitement, reshaping it, possibly, for other, real contexts.*”

A similar thought is also expressed in Tavares' article *Legs are not just for walking*. It is a realization that the senses, our human parts and senses are just as much a part of architecture as a site plan or a section that made me question my understanding of architecture.

Finally, as Joaquim Moreno puts it, Portugal, because of the temperament of its people, is uniquely capable of conveying these ideas: “*The Portuguese sense of gleaning, of collecting the ears left in the field after the harvest, can also mean, in a figurative sense, the compilation of the 'best' parts of literary texts, that is: choosing pearls of information and style and putting them together in a repertoire, which is paradoxically a mark of our time of decontextualized and simplified information.*”

In conclusion, this great contrast between the structure and the post-structure, between the functional and the spiritual, between Syria and Portugal, has only served to deepen my understanding of architecture. Portugal taught me that interpreting architecture, just as like all art, is purely subjective. That no one interpretation is necessarily more correct than the others are, and that no two interpretations are necessarily mutually exclusive. Yes, architecture is functionality and cost-effectiveness, but it is also philosophy, sociology, and individualism.

All possible at the same time. All is fair in love and war, and architecture is both love and war, simultaneously.

#### References:

- [vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/11.042/3454?page=2](http://vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/11.042/3454?page=2)
- Andrés Jaque, *Mies y la gata Niebla. Ensayos sobre arquitectura y cosmopolítica*, Barcelona: Puente editores, 2019.
- [ultimasreportagens.com/bio.php](http://ultimasreportagens.com/bio.php)
- Texto de Joaquim Moreno na CPAM 2012 e publicado em 2013 na Artcapital: [artcapital.art/arq\\_des-92](http://artcapital.art/arq_des-92)

**Escola de Arquitectura, Arte e  
Design da Universidade do Minho**

**Laboratório de Paisagens,  
Património e Território - Lab2PT**

**Pensamento Radical  
na Arquitectura 2021**

Obrigatória C2, 4º ano,  
2º semestre, 2020/2021

**Edição**

Pedro Baía

**Textos**

Pedro Baía

Ana Cordeiro

Anny Sismanoglu

Beatriz Silva Marques

Cristina Souto

João Leite

Luiza Aredes

Mafalda Pereira

Margarida Lopes

Maria Eduarda Beck

Mariana Solé

Mariana Almeida

Rita Alves

Vasco Mendes

Ludovica Bulgari

Mathilde Lefebvre

Carolina Matos

Lama Abboud

**1.ª edição**

Junho 2021

**Tiragem**

50 exemplares

**ISBN**

978-989-8963-46-8

